



Emilia dos Neves.

EMILIA DAS NEVES E SOUSA

Escrevi da italiana Ristori; escreverei da Ristori portugueza; porém como?!

A actriz estrangeira, conscia do seu raro merito, descia complacente do seu throno artistico para vir sentar-se modelo diante da camara do photographo, e complacente respondia aos que a interrogavam sobre o drama da sua vida real. Parecia folgar com que se lhe accrescentasse em torno este inspirativo murmurio da opinião publica, sussurrando harmoniosamente o seu nome de ecco em ecco até distancias desconhecidas. A gloria tinha-lhe roubado o direito, o gosto, e o costume de ser modesta; aspirava o incenso, como as divindades, sem desviar o rosto.

Não assim a nossa conterranea: ou porque a Providencia a temperasse de maior feminidade, ou porque dores profundas e revezes desmerecidos a tornassem pusilanime, ou talvez por se imaginar distante de uma perfeição ideal, que desde todo o principio lhe luzira do horisonte como estrella, e que nevoeiros da terra e tempestades amiude lhe incubririam, fosse emfim pelo que fosse, nunca jámais outra alguma evitou como ella, tão constante e obstinadamente, os pregões da nomeada.

Parece não amar, não servir a arte, senão pela arte; por ella se esquece de si propria; sacrifica-lhe interesses e repouso; sacrificar-lhe-hia até a vida; para ella recebe, para ella agradece,

os applausos que as platéas lhe prodigalisam, e as coróas que dos camarotes lhe chovem aos pés; mas fóra d'ali, o louvor da cidade, os emboras da imprensa, lhe são importunos; quizera ser invisível e deslembada, se o pudesse. Como Judith depois da grande façanha, põe todas as suas ambições, toda a sua delicia, em redescender á obscuridade e silencio da sua habitação.

Ai! mansão de recato e bonança,
Novamente me abrigo em teus muros:
Torno aos dias dos extasis puros,
Aos segredos contados ao ceo.

.....
Parto. Adeus. — Ninguem siga os meus passos.
.....

E não cuide alguém ser aquillo um calculo:

Et fugit ad salices, et se cupit ante videri.

É uma necessidade da sua natureza, rara, inexplicavel, se o quizerem; exerce os seus prodigios como quem cumpre um dever, e não para que lh'os memorem; faz a obra da arte, se nos é licito dizel-o, como a caridade christã distribue a esmola: largando e fugindo.

O seu retrato, que a *Revista Contemporanea* em vão sollicitava desde muito para a sua galeria nacional, e que hoje emfim apparece em publico pela primeira vez, houve de lhe ser furtado, e depois de furtado, defendido contra as suas energicas reivindicações. Ahi o tendes. Agradecei á Empreza a sua obstinação, vós os que ao contemplardes essa inspirada cabeça, folgaes de reanimar na memoria e no coração os transportes de amor, de compaixão, é de entusiasmo, que vos agitaram perante *Beatriz, Adriana Lecouvreur, Magdalena, Adelaide, Maria Stuart, Margarida Gauthier, Joanna, Condessa de Sennecey, Eugenia, A dama de S. Tropez, Diana de Chivry, Ercia, Brazia, Tisbe...* emfim perante essa galeria infinita de mulheres, meras estatuas ou pinturas, em quanto ella não chegou; entes animados, activos, e triumphantes, apenas receberam o seu abraço.

¿ Houve jámais retrato menos morto, menos mudo, do que este?

Contemplae-o bem, que ides agora ouvir a actriz n'uma scena desconhecida, nova, original, simpathica, sublime. Escreveu-a

uma penna juvenil e feiticeira, a do primeiro folhetinista portuguez, talento real que eu me invergonho de não ter adiyinhado todo desde o seu principio; que realça o fino da observação, e muita vez até o profundo da philosophia, com a clareza mais amena, o bom gosto mais delicado, a benevolencia mais amavel, e o genio folgassão mais inoffensivo.

Está chamada a attenção.

A actriz é Emilia das Neves; o biographo sou eu, diz Julio Cesar Machado, o nosso Janin.

«Para intelligencia da scena, advirta-se que sou um dos mais sinceros e entusiasticos admiradores da celebre actriz, e que desde 1853 nos conhecemos e nos estimamos como bons amigos.

«Bato á porta, faço-me annunciar, e appareço na sala. A grande actriz recebe-me com uma affabilidade de infinita graça, conversamos algum tempo na melhor, na mais doce, na mais despreocupada alegria d'este mundo sublunar: ao fim de dez minutos, dou á phisionomia uma expressão attenciosa, e, n'um tom melifluo, apuro a voz para dizer com submissão:

— Venho pedir-lhe um favor!

— Um favor! responde Adriana Lecouvreur. Mas dois, mas tres, mas tudo em que eu o poder servir!

«Respiro cheio de contentamento intimo, porque a expressão, o tom, o rasgado gesto da artista, me indicam a boa vontade de me ser prestavel. Reforço a voz, e n'um tom seguro e firme continuo:

— Venho pedir-lhe apontamentos para escrever a biographia da Rachel portugueza.

«A artista enceta um ar severo. Dois segundos decorrem sem resposta; a apparencia d'ella cada vez mais carregada; eu, na minha consciencia, mais attonito cada vez!

— Não intendeu bem, o que acabei de dizer-lhe?

— Perfeitamente!

— N'esse caso, dá-me o prazer de me servir n'isto?

— N'este caso tenho o desgosto de o não poder servir!

— Comprehando: cheguei tarde! Deu já promessa a alguém de lhe prestar igual serviço?

— Recusei-o sempre a todos que m'o pediram!

— A alguns maus escriptores para quem a sua biographia iria, como uma boa causa para o poder de ruins advogados, ficar sem o que tivesse de bom, e com tudo mau que elles lhe prestassem!

— Não! Entre outros foi Garrett.

— Garrett, quiz fazer a sua biographia?

— Pediu-me, ao menos, dados para isso.

— E recusou a Garrett?

— Recusei a Garrett, como recusei a Rebello da Silva, e como tenho recusado, conforme já tive occasião de dizer-lhe, a todos que me teem feito igual pedido!

«Ficámos, um momento, callados: via-a sorrir-se, e cuidava que tudo teria de acabar em bem, e que eu sairia d'ali com os meus apontamentos, ou com a promessa de no dia seguinte os alcançar.

— Queira dar-se á bondade de ouvir-me, minha senhora. É possível que um grande motivo, a seus olhos, pareça obstar á utilidade de legar a sua biographia a Portugal; mas esse motivo é bem pequeno, necessariamente, porque se impede que o faça v., não impede a outro qualquer de o fazer. Para a biographia da vida publica de um artista, é apenas questão de delicadeza a licença que se lhe pede; ou é para que o artista auxilie com apontamentos pouco sabidos um trabalho que, de accordo o biographo com o biographado, infallivelmente ficará melhor! Por isso, veja bem que me recusa um serviço que a indagação póde prestar-me, e em que só sacrificio algum tempo que houvesse de empregar melhor do que a procurar informações da sua carreira de actriz nos jornaes antigos, no velho reportorio, e na reminiscencia dos artistas contemporaneos que fizeram carreira com v.

— Sei tudo isso. Tambem, ha tanta sinceridade na minha recusa, como no pedido que vou fazer-lhe: não escreva esta biographia, e quando souber de alguem que a esteja escrevendo, empregue todos os recursos da sua boa vontade para impedir que essa pessoa leve ao fim este trabalho!

— Ha para isso um motivo justificavel?

— Ha mil. Não comprehende acaso — que uma pobre creatura que a gloria illuminou um instante, e que a inveja, a intriga, a má vontade, o odio talvez, conseguiram affastar da scena, perseguida e guerreada, deixe á sua alma o direito de n'um supremo impulso repellir toda a tentativa de nova gloria, todo o esforço de maior celebridade? Biographia! Em que lhe parece que deva interessar o publico, uma historia que elle vê interrompida sem se inquietar! As almas que maior ambição tiveram de prestigio e de luz, são as que depois ás vezes, pedem á obscuridade maior sombra e maior olvido! Ha ainda um serviço que prestar-me, ha; e quem se sentir levado de boa amizade para comigo, será este o favor melhor que me alcance: impedir que se cite o meu nome, impedir que se falle de mim, impedir sobre

tudo que se escreva a meu respeito! Actriz sem theatro! actriz sem palco! actriz sem papeis!

«Palida, insinuante, cheia de enthusiasmo na sua dôr, a grande actriz sentira accordar-se-lhe a alma á idéa da scena, dos seus triumphos passados, dos revezes e dissabores que a devoram hoje. Crescia diante de mim, á proporção que o calor do enthusiasmo lhe animava o olhar; aquelle olhar delicioso que já foi o olhar d'amor da Margarida Gauthier, o olhar de ciume da Adriana Lecouvreur, o olhar de mãe da Magdalena!

«Depois, aguia ferida, caiu na desesperadora raiva da tristeza que a sua alma engrandece, e n'aquelle grande desespero de artista... eu creio que ainda havia a saudade da scena; lembrança eterna para um talento que alcançou n'ella as suas glorias!

«Instei ainda alguns momentos, mas era-me penoso teimar. Havia sinceridade n'aquella rebelde insistencia. E quando mesmo não a houvesse, perdoava-lhe,—porque já levava de ganho, n'este acontecimento, uma scena palpitante de originalidade! As grandes almas de artistas são doentes de caprichos, de hesitações e de duvidas. De mais a mais, d'esta vez não era só uma alma de artista, era — uma alma de artista n'uma alma de mulher. Tinha, como tal, o direito ao capricho, por mais injustificavel, por mais desarrasoado, por mais absurdo! Diz-se que é preciso estudar os livros e as mulheres; antes as mulheres: são mais bem escriptas!»

Sem intento de biographar coisa alguma, e até ignorando estas antecedencias, de Garrett, Rebello da Silva, e Julio Machado, procurei eu tambem, ha agora desoito mezes, a nossa actriz. Sabia que a beneficencia avultava entre os seus gostos de predilecção;

Non ignara mali.....

e eu tinha necessidade de lhe attrair os olhos compassivos para as periclitantes escolas da santa, da modesta, da crente, mas desvalida, Associação Promotora da Educação Popular. A associação no elevar-me a seu presidente, me impozera tacita a obrigação de empenhar em favor seu todos os meus esforços.

A actriz não conhecia este piedoso e socialissimo instituto; escutou com interêsse a sua breve historia; na phantasia lh'o pintou logo a sua rasão imminente como uma arvore de benção, plantada para muitos e optimos fructos, mas desfavorecida da terra; podendo ainda reanimar-se com a rega a tempo, porém já pendida e quasi a baquear-se; e se se baqueasse, que seria,

lhe perguntava o coração, que seria d'aquelles pobres ninhos (as escolas) que por ali tinham nascido, e a que tantos outros se deviam seguir pelos annos fóra?

Remota então do theatro normal por um ostracismo, ainda hoje, e cada vez mais, impossivel de explicar, Emilia não apparecia já de muito ao publico saudoso, senão quando alguma occasião de bem fazer, como esta, a ia sollicitar no seu retiro.

Annuiu, não ás minhas supplicas, não tive que as empregar, sim á maviosidade espontanea do seu interior. Apertei-lhe fraternalmente a mão, mais felicitando-a que agradecendo-lhe. Era a primeira vez que lhe fallava, e parecia-me conhecel-a desde a infancia: o poeta e a artista adivinham-se mutuamente.

O promettido beneficio era muito; mas ephemero e passageiro, não nos podia satisfazer, nem a ella, nem a mim.

Ponderei-lhe que n'estas escolas-ninhos, suas desde aquelle momento pela perfilhação, se dava aos pequeninos uma instrucção nova, toda feita de luz, de calor, e de alegria, digna por isso de que todas as mulheres a comprehendessem para a amarem, e a amassem para felicitarem com ella a sua descendencia; que, embora a soberba ou a vaidade, a indifferença ou o egoismo, de tantos homens, desajudassem ou contrariassem, por em quanto, esta alforria da infancia, o sexo dos bons instinctos, o que traz o intendimento dentro no peito, o sexo a quem nunca se recorreu em vão para a obra da caridade, começára já a tomar a si esta evangelisação; a Viuva do Libertador déra o primeiro rebatido de libertação para os pobres innocentes; e ao seu exemplo essa formosa phalange de amazonas da civilisação, por quem a infancia desvalida deixou de o ser, trazia já regenerados os asilos; fontes desde então mais abundosas, mais suaves, mais procuradas, e mais fecundativas; que por outros paizes se começava tambem já a diffundir, por sua virtude intrinseca, e sem auxilios de poderosos, esta restituição de direitos ao senso commum, á humanidade, ao progresso, e aos pequeninos de hoje, homens e educadores de amanhã; que porém com tudo isto a sublime campanha estava apenas encetada, e nem se poderia reputar concluida, em quanto cada mãe, nos campos como nas cidades, não soubesse perfazer por si o ensino de seus filhos, facil, maternal, simpathica e proficuamente; que ás damas pois tocava tomarem a si em cheio a evangelisação da doutrina pelo amor, e não levantarem mão da empreza antes de a terem.... (com esforço varonil, ia eu dizendo) com esforço feminil, com esforço maternal, levado ao cabo; que eu a convidava a ella, genio sempre escutado com attenção e simpathia, para que n'esta

sua reaparição em scena, missionaria e exemplar da melhor esmola, da esmola da alma á alma, convidasse, induzisse, as suas apinhadas ouvintes a irem ver e reconhecer por si mesmas, na pratica e nos effeitos, essas novas escolas, as quaes, á fé, não andariam mendigando, se bem fossem conhecidas; que eu mesmo lançaria á pressa em versos algum pouco do infinito que o assumpto suggeria; mas que esse pouco realçado, unguido, enflorado, por tal voz, operaria o facil prodigio de convencer as damas para o bem.

Vendo que approvava com alvoroço esta minha segunda lembrança, aventurei terceira: suppliquei-lhe uma visita a uma das escolas da minha, da sua associação, a fim de que eu não tivesse de expressar no meu poema, no poema que ella ia tornar seu, senão o que a sua propria convicção, depois de ter visto, nos ditasse. Condescendeu; chegou, viu, foi vencida, foi triumphada pela evidencia; escutei-a encantado; trouxe com que encher um bello e grandioso poema, se nas forças me coubesse o escrevel-o, e na voz de uma dama o declamal-o inteiro; e se emfim não fóra ainda cedo para se poetificarem philosophias serias perante as turbas.

Nova tormenta, que imprevista se levantou, e que eu, por mais que fizesse, não vali a esconjurar, não só impediu a nossa festa poetica e social, senão que expoz a incomparavel artista a recrescentes contrariedades e humiliações; se humiliações póde haver para o genio, ou se as póde haver onde não ha culpa. Essa historia, que por muito tempo occupou todas as conversações e todo o jornalismo, é infelizmente conhecida de sobejo, e ficou registada no mui notavel opusculo, que todos lemos, sob o titulo de *A actriz Emilia das Neves e Sousa ao publico*. Agora que os erros estão emendados, seja-nos licito esquecer; e perdõe-se a viuvez em que o theatro se amesquinhou por tantos annos.

Duas palavras ainda sobre aquelle malogrado beneficio. Tudo quanto de tão magnifico projecto se chegou a effectuar, foi o poema, que eu vou apresentar aqui aos leitores da *Revista Contemporanea*. Assim, é um quadro em morte còr; mas imagine-se o que seria se, em tão solemnes circumstancias, o aviventasse aquella voz do coração e da alma, o colorissem o gesto, o olhar, a paixão da primeira actriz!

Não é portanto por descabida vangloria de auctor que o dou á luz; é só porque n'elle se contém uma parte da vida, que eu me obrigára a escrever. Lendo-o, figurae-vos estar escutando, não um biographo sonhador, sim a propria dama que vos expõe não uma fabula, mas as suas mesmas realidades de infortunios,

de affectos, e de pensamentos. Colhi dos seus labios generosos estas confissões; escrevi-as com gratidão, com respeito, com fidelidade; escriptas, submetti-as ao seu exame; approvou-as; tinha já decorado os versos; ia declamal-os, e declamando-os ganharia uma apothese moral bem superior á artistica.

O theatro é do mundo espelho immenso e vago.

Quando o illumina o genio, assim como n'um lago se miram sob o sol o bosque, o monte, o ceo, o real no ideal se funde; o tenue veo da esplendida ficção realça a realidade.

Cada um se entrevé no quadro humanidade; e onde só procurou praser ou commoção, colhe entre choro ou riso a provida lição.

Salve, ó theatro! salve! Eu te amo! eu te contemplo
lão escola do *bom*, como do *bello* és templo.

Oh! se te amo, theatro! Oh! se me ufano em ti!

Quasi ao sair do berço, hora que a todos ri,
e em que a virtudes mil todas suppre a innocencia;

a filha da ignorancia, a mãe da imprevidencia;

pobre virgem, alegre, e santa, como vós,

como todas o hão sido aos annos onze... atroz,

atroz destino incontro em frente á florea estrada!

(Quem previra, oh! meu Deus, tão barbara cilada!)

Lucto sem conhecel-o; o seu poder fatal

me prostra, me arrebatá. A nudez glacial,

o desamparo, a fome (a fome, oh! padeci-al)

fizeram noite horrenda a aurora do meu dia.

No fundo de um abismo ia affogar-me... Então

um anjo de conforto eis que me estende a mão,

arranca-me do pégo, e na alma espavorida

me repõe fé, virtude, esforço, amor da vida.

¿Que asilo recolheu a naufraga feliz?

¿Um piedoso mosteiro? ¿uns paços senhoris?

o theatro; a mansão profana e despresada,

onde as artes irmãs convivem, d'onde brada

lições ao povo a historia, e exemplos a moral,

mas que, util, inflorada, alegre, triumphal,

sob o anathema jaz das eras de barbária,

que a mulher torna almeia, e torna o homem pária!

Aceitei o refugio; o opprobrio honroso; o pão;

o trabalho que salva. E disse ao coração:

—«Sê bom, qual Deus te ha feito;»—e á minha alma:—«Descobre
 «que o vil foi teu destino; e tua essencia é nobre.
 «O amor de um povo inteiro é grande; põe o ardor
 «das tuas ambições em merecer-lhe o amor;
 «(talvez o alcançarás); immola-lhe no estudo
 «noites, dias, prazer, annos floridos, tudo;
 «neophita da arte, agora o teu dever
 «é n'ella, para ella, e d'ella só viver.»—

E o que me impuz, cumpri-o. A vós, sensiveis almas,
 prouve a dedicação: cobristes-me de palmas;
 animastes-me o esforço; e do esforço, talvez,
 algum talento emfim, graças a vós, se fez;
 proclamastes-me actriz; ousei sonhar a gloria;
 ordenei-me ganhar-a. Esperança illusoria!
 de grau em grau subida, ao tempo de avultar
 ministra da arte, ó Genio, em teu sublime altar,
 o ceo azul troveja... assombro-me do raio...
 leva-me um turbilhão... fóra do templo caio...
 Pasmos! e vejo (oh! terror!) fechados seus portões.

Chorei! sacerdotisa exclusiva das funcções,
 fóra do antigo asilo, oppressa da saudade,
 co'a gloria murcha em flor, e a muda obscuridade
 a ameaçar-me o porvir... chorei; parti... callae;
 a ninguem accuseis; aos fados o imputae.
 Em toda a parte, e sempre, aos genios abrasados
 no inthusiasmo do bello hão sido hostis os fados.

Tantos annos de exilio em meu torrão natal
 inda me não tem gasto o amor, o amor fatal
 que ao theatro me attrae, que os ocios me invenena,
 e só me dá viver, folgar, florir, na scena;
 na scena, lares meus; meu vergel; meu abril;
 na scena onde as paixões dão extasi febril,
 o ser se multiplica, a alma cresce, e os delirios
 nos fazem disfructar a gloria entre os martirios!

Oh! se te amo, theatro! oh! se te devo amor!
 quanto sou, foi teu don, meu bello salvador,
 theatro, Capitolio, escola, asilo, mundo!
 Se velo, penso em ti, se durmo o somno fundo
 ás penas da saudade os gosos substitue:
 então, qual foste, és meu; eu, tua sou, qual fui;
 sonho ver apinhada a luminosa salla
 vibrar aos gestos meus, tremer á minha falla!
 e, como outr'ora, então, logo ali, tambem eu
 aos seus brados vibrar, tremer no applauso seu!

Do sonhado triunfo, em que morrer devia,
acordo... e recomeço as saudades do dia.
Da aurora á noite assim, do escuro ao sol que sae,
inutil, semi-morta, a vida se me esvae.

Por isso quando escutó a voz da humanidade
invocar no infortunio a meiga caridade,
corro; acudo voando ao theatral festim;
(do que eu propria soffri, se fez piedade em mim);
e assim como Izabel trocava em frescas rosas
no regaço bemdito esmolos preciosas,
ajudada por vós, peitos sensiveis, bons,
as flores da poesia as troco em aureos dons;
aureos dons, a que o ceo benções dará; que digo!
vós sois os que esmolaes, eu, sou a que mendigo;
eu, da infancia que implora, eu, sou a humilde voz;
mas a mão do Senhor, que se abre e dá... sois vós.

Por cidades, e campo, outr'ora, ao perto, ao longe,
involto em seu borel, incanecido monge,
com o pardo sacco ao hombro, as sandalias nos pés,
nas mãos bordão nodoso, ao sol crestada a tez,
impassivel á injuria, ao sol, ao vento, ás chuvas,
pedia, estranho á terra, os seitís das viuvias,
do colono a paveia, e do pobre os reaes;
depois, abria o sacco, e mosteiros reaes
lhe pulavam de dentro, aos seculos assombro.

Hoje, em vez do ermitão, pés nus, e sacco ao hombro,
actor que já no drama o seu papel perpez,
disse o Autor á mulher: — «Agora, a vossa vez,
«sexo amor, sexo mãe: dae novo curso á esmola:
«o convento caiu; que se alevante a escola.»—

Finda a estação gelada, a bosque e monte nus,
progresso eterno o sol faz de calor e luz
verduras, esperanza, aromas, graças, flores,
musicas mil no ar, nos peitos mil amores;
e nos ninhos á sombra, e no floreo matiz,
e nos chãos de esmeralda, em tudo já prediz
que vem lá o verão; que d'esses mudos ovos
vão pullular, fugir, sem conto, alados povos;
que é messe de oiro a relva; um pomo cada flor;
cada fragrancia um favo! Hosana ao Creador!
ao Progressista Summo ao Prodigioso Eterno!
que no mundo moral, como no mundo externo,
ao pensamento e ao sol impoz a mesma lei;

—«Avante! avante sempre! em fogo, em luz crescei;
«solva-se o rude inverno em rica primavera;
«para o bem, para mim, se avance de era em era!»—

E cada interior, cada vez mais a abrir
à fé dos ceos reflexo, e aurora do porvir,
de suave piedade a mais e mais se inunda,
aroma que o imbalsama, e pollen que o fecunda!

Parabens, sexo meu, mil parabens nos dou!
hoje, de ser mulher ufana, ufana estou!

Para os homens, o Foro, a industria, o Parlamento,
a força, a espada, a gloria, o estrondo, o movimento;
a escola é nossa; é nosso o quinhão que mais val;
a escola é da mulher, desde que é maternal,
desde que chama, attrae, com provido carinho,
desde que, em vez de jaula horrenda, é claro ninho;
fofo, tepido, floreo, abundante de grãos
pingues, doces ao gosto, apetitosos, sãos.
A escola, ha pouco inferno, inferno de innocentes,
sim hoje é ceo, e é nossa. Os fados recrescentes
da humanidade em marcha à conquista da luz,
cedo confirmarão ao sexo nosso o jus
de ser mãe té ao fim; de ultimar com deleite
a amamentação d'alma aos que nutriu co'o leite!

Oh! se a tivesses visto, a escola, como eu vi,
a escola que ora nasce, a escola que ama e ri,
a escola claridade, e cantos, como a aurora!
damas que me escutaes se a visseis, se algum'hora,
atraídas ali pelo ecco do praser,
dos fructos pelo aroma, a chegardes a ver:
tanta attenção na infancia incher-vos-ha de pasmo,
de inlevo o seu progresso; o amor de inthusiasmo!
e exclamareis, como eu, a chorar e a sorrir:
—«Salve, ó berço, em que dorme a gloria do porvir!»
E todas, todas vós, como outras tantas fadas,
lhe fadareis que medre; e as Horas mais doiradas,
com azas de alvo azul, o olhar jorrando luz,
doceis á benção vossa acudirão a flux;
e todas, todas vós, direis a todas ellas:
—«Tomae, tomae nosso oiro, ó fugitivas bellas;
«horas, mães do progresso, horas, que ao globo iguaes,
«de occaso a oriente, e sempre, e sem cançar, voaes;
«ajuntae ao nosso oiro os nossos diamantes,
«resplendores sem fogo em seios palpitantes;

«e d'esta pedraria, e d'estes vãos metaes,
 «superfluos à belleza, e tanta vez fataes,
 «de tudo isto, e de nós, que somos à innocencia
 «o calor da vontade; a luz da intelligencia,
 «da arvore da vida a raiz seiba e flor,
 «componde para a terra um novo Eden de amor!—»

E as Horas apressando o vôo alvoroçadas,
 feis à intimação de tão possantes fadas,
 correrão a cortina à scena do porvir!
 Deus do alto a contempla entre Anjos a applaudir.

Oh! do divino drama acto novo e sublime!
 Surge electrico sol! O Error, o Vicio, o Crime,
 sombras da noite d'alma, e a Inercia odiosa e vã
 vão fugindo ao crescer da esplendida manhã!

A mulher toma ao collo a nova humanidade,
 duas vezes lhe é mãe; mais que mãe: divindade;
 co'o seu halito amante apressa-lhe a rasão,
 dá-lhe o instincto do justo, e do nobre a ambição;
 a todos o dever como o direito é sacro;
 brilha nume o que fôra apenas simulacro:
 a liberdade; o povo adora as proprias leis;
 os reis são cidadãos; os cidadãos são reis;
 em todos resplandece a dignidade humana;
 equilibrio feliz eleva, esforça, irmana!
 Todos estão em tudo, e tudo em cada um;
 commons o bem e o mal, como a vida é commum;
 a sciencia geral, geraes as artes bellas,
 vivificante o ar que expira d'ella e d'ellas!

Mas ah!... previ? sonhei?... a idade de oiro, ó Deus,
 ternol-a-has tu guardado entre os arcanos teus?!
 Delirio; os ceos, são ceos, e o nosso mundo é mundo.
 Sim; mas o bem, de bens cada vez mais fecundo,
 em sua evolução cresceu de avós a pais,
 de pais a filhos cresce, e ha de ir perenne a mais.

Progresso creador, tal crença em ti é nova;
 creastel-a tu mesmo; e ella o teu ser comprova.
 Fé santa! fé sublime! inspiradora fé!
 pintas o que ha de ser co'a viveza do que é;
 estendes no ideal os terminos do certo:
 das distancias os graus destroes: é tudo perto;
 mais que perto: é presente; abraça-se; é vivaz;
 gosa-se; a alma cresceu; cré em si, ousa, faz;

consegue tudo. A fé que transportava os montes
cria mundos no mundo ampliando os horisontes.
Por ti, ante o querer tudo possível é!
fé santa; fé sublime, inspiradora fé!

Mal haja a mente escura, o coração covarde,
que te repulsa a luz, que aos raios teus não arde,
e frio, escuro, immoto, á corrente se oppõe,
que de espumas o cospe, e férvida o transpõe!
Fique-se; incrave os pés no abismo eternamente.
Nós ondas verde-azues sigamos na corrente
lá para as regiões d'onde um vago arrebol
augura a terra e ceo mais Deus em maior sol!
Rolemos murmurando o hymno sem fim de amores;
de cima o sopro vem que nos roja entre flores;
rolemos; do Supremo a providente mão
foi que abriu nosso leito, alveo-sondado em vão,
misterioso, ascendente, errante na apparencia,
mas sempre a progredir; rolemos! ¿ Resistencia
quem poderia oppol-a ao impeto caudal?

¿ Mas sabeis vós qual seja o grupo sideral
que n'esta hora do mundo attrae esta corrente,
a marcheta de luz suave e refulgente?
Essa constellação, feliz, terna, gentil,
mulheres, soil-a vós. O horoscopo infantil
que em puericia ditosa adita a adolescencia,
dobra ao adulto a força, ás cãs dobra a sciencia,
(que outrem podera sel-o?) ó damas, vós o sois.

Sexô meu, parabens! gloria a vós! marchae pois!
¿ Sois vós menos que o monge? elle ante a humanidade
teve um prestigio: a fé; vós tende a caridade;
caridade é o amor em fórmula feminil.

¿ Quem resistiu jamais á supplica infantil
de creanças sem lar, sem pae, sem pão, sem veste,
que, alta noite de inverno, á chuva, ao vento agreste,
descalças, «Deus» na voz, e lá dentro nem Deus,
apegadas á mãe, seguem cò'os choros seus
o peão distraido, o coche luminoso,
que vão da op'ra á ceia, ou do amor ao repouso?
Não ha tão ferreo peito, onde uns eccos sequer
não vibre aquella angustia! e seio de mulher...
nenhum, juro, nenhum, que em dó se não desfaça.

¿ Mas taes scenas do drama infindo da desgraça

não são o drama todo : as creanças sem pão,
que entrevêdes e ouvis prantear na escuridão,
vagam de longe a longe, expressam co'o lamento
só a dor que lhes traz cada aspero momento :
a dor phisica, o frio, a fome ! Inda ha peor
o mal que se não vê, nem se queixa, é maior.

A escuridão da mente a quem faltou cultura
mata em germen a vida. Em vão a creatura
se pergunta depois :—«Onde é teu Creador ?!
«És sua imagem, tu ? ! tu, alma sem fulgor ?!
«peito sem coração ? ! movimento sem alvo ?!
«verme de instinctos vis ? ! A luz te houvera salvo...
«perdeste-te ; e se o mundo avaro te esqueceu,
«pereces bem vingado : o mundo te perdeu.—»

Mulheres, eia ! avante !, anjos da santa esmola,
vosso foi sempre o berço, e é berço augusto a escola.

Amava a nossa actriz estes versos como sentida memoria do seu passado ; amava-os não menos como eccos dos seus affectos e pensamentos ; sobretudo lhes queria pela intenção moral e social que os dictára. Tinha-os decorado com particular desvelo ; houvera-lhes communicado, recitando-os, o summo prestigio da sua voz.

Mas as provações da actriz exilada, e as da Associação indigente, estava escripto que não findariam tão depressa : a representação, a recitação, o beneficio, e o estímulo que elle porventura daria a muitos animos, tudo na vespera da fructificação caiu em flor ; foi pisado aos pés e esquecido. Feia pagina entre tantas paginas feias da nossa historia artistica ! Bom é que a tranquilizemos, resumindo todavia o seu conteúdo.

Dois dias antes d'aquelle em que Emilia havia de representar em favor da Associação Promotora da Educação Popular um dos seus dramas predilectos no theatro de D. Maria II, no theatro normal, no theatro das suas saudades, tinha ella apparecido, tambem excepcionalmente, n'esse mesmo tablado em favor de outra associação de beneficencia. O commissario do governo dera a primeira licença, affiançára a segunda, e havia de realisar-a. Arrebatados do enthusiasmo, os espectadores saudaram com palmas a reaparição da musa tragica portugueza ; alguns, fóra de si com a alegria, desattentos á conveniencia, e sem reflectirem no perigo de pôr mãos em feridas ainda não fechadas, mesclaram com as homenagens ao genio improbações violentas á au-

ctoridade, que lhe suppunham inimiga; imaginavam que as vociferações a constrangeriam a realisar logo ali a controvertida escriptura, a qual a não ser essa imprudencia nunca porventura esteve tão proxima de se realisar; zelo excessivo, como tantas vezes acontece, deitou a perder uma bella causa: os thuribulos queimaram o altar!

A auctoridade acreditou (perdoe Deus a quem lhe mentiu) que o estrondoso levantamento em que ella fôra sem duvida injuriada, tivera por primeira motora e alma a propria actriz, quando ninguem mais que a actriz, alma generosa, e sobretudo sensata, condemnou aspera, desabrida, quasi ingrata, aquelles arrosos dos seus fanaticos festejadores.

A imparcialidade com que historio, não dispensava estas poucas linhas. Amo e respeito igualmente a dama, e o commissario, que então era, do governo no theatro de D. Maria II; tractei de perto, conheci a fundo esse triste negocio; até andei n'elle medianeiro, medianeiro sem proveito; fez-se, ou antes refez-se, e manteve-se uma grave injustiça, uma resistencia ao voto publico, uma lesão para a arte; mas um erro, um falso presuppuesto, foram os culpados unicos. A ter existido o que se acreditou, o rigor da auctoridade era logico, generoso não, mas perdoavel de certo, desculpavel talvez!

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

(Continúa.)

cloridade, que lhe suppunham benigna; mas quando a
 eileições a constancia e a realisar logo ali a condicional es-
 criptura, a qual a não ser essa impudencia nunca porventura
 esteve tão proxima de se realisar; zelo excessivo, como tantas
 vezes acontece, deu-lhe a perder uma bella causa; os illustres

BOSQUEJO DA LITTERATURA DRAMATICA

que o estoroboso levantamento em que ella lora sem duvida
 injuriada, tivera por peccado a culpa e a propria actrix,
 quando nenhum mais a culpava, e a propria actrix, o sobredito
 separam, condemnou a culpa, e a propria actrix, e a propria actrix,

EM PORTUGAL

artigos dos seus dramaticos testadores, e a propria actrix, e a propria actrix,

A imparcialidade com que historia não dispensava estas pou-
 cas linhas. A

DESDE O SECULO XVII

rio que entao era do governo no theatro de D. Maria II; trahel
 de perto, comect a tudo esse triste negocio; ali andei n'elle
 mediano, mediano sem proprio; e a propria actrix, e a propria actrix,
 e manteve-se n'elle, e a propria actrix, e a propria actrix, e a propria actrix,

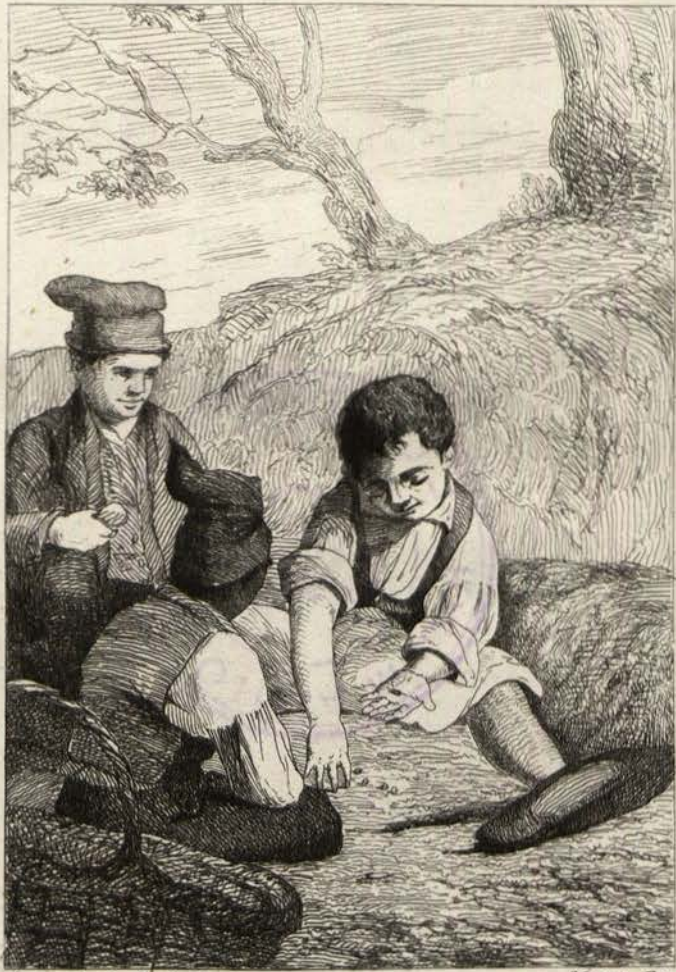
(Fragmento de um livro inedito)

phico, uma lesão para a propria actrix, e a propria actrix, e a propria actrix,
 posto, foram os culpados entao. E for estalido, e que se deve

Por uma excepção, que se explica pelo nosso estado de separação completa do movimento litterario e philosophico da Europa nos seculos xvii e xviii, as nossas lettras e o nosso theatro acham-se enfluenciados pelas circumstancias especiaes que dominam o espirito e a sociedade politica d'esse tempo. Portugal, no seculo passado, caminha aparte, e quasi que separado da reacção fermentada pelos philosophos encyclopedistas. Mas esta separação em que vivemos da parte mais activa e illustrada da Europa, derivou de originaes bem pouco lisongeiros para a nossa dignidade nacional, e ainda menos favoraveis ao desafogo espontaneo dos talentos. A usurpação dos Philippes, a tyrannia da Inquisição e a tutella dos jesuitas foram as tres causas principaes que actuaram por largo tempo nas condicções do nosso estado social e religioso, e nas mais ligeiras e caprichosas manifestações do pensamento.

Os Philippes haviam trazido a Portugal o reinado oppressor de uma usurpação, e, para lastima do nosso nome, os effeitos da occupação hespanhola não se estenderam sómente á governança do territorio portuguez, senão que desvirtuaram as crenças e convicções do amor patriótico, abrangendo e desvairando as imaginações. A influencia perniciososa dos discipulos de Gongora apoderara-se da poesia, e os nossos escriptores afinaram pelos con-





Annunciação. Pint. e grav.

Silveira. Est.

ceitos alambicados e metaphoras entumecidas dos poetas hespanhoes. A lingua castelhana tornou-se a lingua culta, a lingua do paço, a lingua predilecta dos litteratos *a la moda*. Basta lembrarmo-nos dos escriptos de Faria e Sousa, de Antonio da Fonseca Soares, de D. Violante do Céu, de D. Joanna Josepha de Menezes, de Antonio Barbosa Bacelar, de Paulo Gonçalves d'Andrade e de toda a pleiada de poetas creadores hyperbolicos da escola hespanhola em Portugal, para conhecer o quanto as raias do gosto haviam sido ultrapassadas pelos devaneos do appellidado *cullerianismo*. A *Phenix renascida* e o *Postilhão de Apollo* patenteam as torturas a que fóra submettido o engenho n'aquelle tempo, e a *Arte de agudeza y ingenio*, de Gracian, é a mais celebre demonstração do como se entendia então a eloquencia, a poesia e os preceitos do sublime. Poetas e criticos, a todos inflammava a febre, *que lhes atejava a alma em affectos que a imaginação sublima em holocaustos de amor*.

Pelo seu lado, a companhia de Jesus, repellindo no seu intimo a Inquisição, como um poder rival, acceitava-a como auxilio poderoso no seu vasto plano de enredos surdos, cujo desingnio capital e incessante era a absorpção do espirito e influencia das classes dominantes do estado, afim de as dobrar ao seu systema de dominação universal. D'esta fórma a direcção do ensino publico, desde a philosophia e theologia, até ao ensino das linguas e curso de humanidades, achava-se subordinado ao seu systema hypocrita e machiavelico, em que falsos principios educavam a mocidade em erros, que os sagazes discipulos de Ignacio de Loyola assentavam como bases do seu imperio sobre os povos e sobre os reis.

O circulo que apertava as imaginações e os instinctos naturaes era estreito e oppressivo; e fóra d'estes limites nem a phantasia voava, porque a educação litteraria não abria horisontes aos impulsos espontaneos; nem o homem pensador aventurava uma idéa arrojada, porque o aspecto pavoroso dos carcerees da Inquisição lhe amortecia o pensamento; nem os impetos do amor da patria encontravam a sua expressão natural, porque a tyrannia de Castella os suffocava nas masmorras e presidios do Estado. É por isto que a Portugal acontece o mesmo que depois succede á Hespanha, quando, decorridos annos, sente os effectos da insurreição dos Paizes-Baixos, da revolta de Portugal e de todas as outras perdas que se seguiram nos seus differentes dominios: carecido de assumptos grandiosos que lhe incendiassem a imaginação, apagado o fogo do genio e do heroismo pelo desalento que lhe gelava nos membros toda a actividade social, perdeu

as forças e sentiu abaterem-se-lhe as azas do ideal. O abastardeamento nos sentimentos generosos de nacionalidades, e o gongorismo nas creações de phantasia, exprimem este estado de degeneração. O acrostico, a prosa insuflada, e o elogio guindado pela bajulação dos poetas palacianos, ou as decimas freiraticas requintadas em conceitos no *outeiro* dos vates de bofes de rendas e espadim á cinta, são a expressão que retracta a ultima feição de uma sociedade degenerada, piegas e frivola, de que D. Affonso vi é o precursor malaventurado, D. João v a personificação magnificente, e o marquez de Pombal o genio privilegiado que sabe tirar dos germens de fraquesa e abatimento que a eneryam os solidos principios do seu regimen de ferro.

A litteratura dramatica tinha sido a fórma da arte que havia traduzido todas estas vicissitudes; a sua decadencia chegára ao ultimo termo. No tempo dos Philippes vinham os comediantes hespanhoes representar a Lisboa, e o repertorio castelhano era o unico applaudido e mais gostado dos individuos influentes na côrte. São escriptas em hespanhol todas as comedias de Antonio Henriques Gomes, o auctor do poema *El Sanson Nazareno*, assim como a comedia de *Sancta Eugenia*, de D. Violante do Céu, que mereceu a honra de preferencia para ser representada na presença de Philippe III, quando visitou Lisboa em 1619.

Depois da restauração de 1640, o idioma castelhano foi bandido do theatro. O odio aos hespanhoes rebentou então com todo o desaforo da dignidade nacional emancipada do jugo estranho. Porém, o mal tinha eivado os espiritos, e permaneceu por muito tempo nos seus perniciosos resultados, e só decorridos bastantes annos se manifestaram os effeitos dos louvaveis esforços do conde da Ericeira, o qual, inspirado pela reacção classica em França, trabalhou por introduzir as doutrinas de Boileau, traduzindo a sua *Arte Poetica*. A introduccção das doutrinas da escola franceza data d'esta era. Póde dizer-se affoutamente, que o auctor da *Henriqueda* foi o primeiro evangelizador dos preceitos e bellezas que haviam feito a gloria dos escriptores do reinado de Luiz XIV. Mas esta tentativa, ensaiada para arrancar a litteratura á sua degeneração e restituir-lhe os antigos foros e a nobresa e simplicidade elegante dos nossos classicos do seculo xv, produziu as mesmas consequencias que tinha produzido nos outros paizes. A questão das lettras, n'este caso, estava absolutamente ligada á questão social. Os homens eruditos educados n'um ideal de convenção, nunca saíram fóra d'elle, nunca tiveram forças para se elevar ás regiões inspiradoras das concepções originaes, nem deram mostras de perceber que além

dos modellos apontados podesse haver caminho facil de seguir para o talento que sentisse em si possibilidade de soltar-se dos laços apertados da copia banal e da imitação servil. D'esta sorte o cenaculo de homens de letras, a que presidia D. Francisco Xavier de Menezes, e que deu rebate á mania da reproducção infinita das academias desde a dos *Generosos* e a dos *Singulares* até á dos *Ignorantes* e á dos *Solitarios*, serviu unicamente de pôr mais em relêvo a depravação do gosto da época, produzindo obras como a nova *Arte de conceitos*, de Francisco Leitão Ferreira, e os *Discursos iniciaes* de Luiz da Costa Corrêa.

E a propria influencia hespanhola não deixou de reinar na esphera intellectual, porque, se o idioma castelhano fugiu das paginas dos escriptos dos litteratos portuguezes, como uma homenagem ao sentimento nacional, o espirito e sentir hespanhoes animaram-nos ainda por largos annos, e imprimiram n'elles a vida e a phisionomia da sua nação. Apparecem-nos como exemplo d'isto as obras de Antonio Gomes da Silva Leão, que escreveu varias peças originaes, e entre ellas *Polinardo na Suecia*; e da mesma sorte *O amor faz impossiveis*, e *Os trabalhos de Job*, comedias de Manoel José de Paiva, conhecido pelo pseudonymo de *Silvestre Silverio da Silveira e Silva*. Todas estas peças denunciam a sua origem, e o predominio do theatro hespanhol, que ainda as inspira, porque são divididas em *jornadas*, conforme as de Bartholomeu Torres Navarro e de Christovão de Castillejo, os quaes, deixando a maneira acanhada de Juan de Encina, já haviam dado ás suas produções mais interesse e energia dramatica. A comedia *Talhada está a razão para quem a hade comer*, pertence tambem a Manuel José de Paiva. O padre Manuel de Sancta Martha Teixeira é tambem d'este tempo: *Os acertos de um disparate*, comedia no mesmo systema hespanhol, é obra sua.

Mas antes d'estes todos saudemos Antonio José da Silva, conhecido pelo Judeu, que é o verdadeiro restaurador da scena nacional e o creador da nossa comedia, depois de Gil Vicente. O seu theatro, em que a musa de Aristophanes sólta a gargalhada maliciosa da satyra popular, ainda vive comnosco e identifica-se com as nossas predilecções. Quem ha ahi que não tenha rido com todas as veras d'alma, lendo a *Guerra do alecrim e manjerona*, as *Variedades de Protheo*, *O Amphytrião*, *Os encantos de Medea*, e a *Esopaida*? Um sainete picante, salgando um dialogo facil, bem replicado, fluente e incisivo, e isto junto a um verdadeiro tacto dos segredos e effeitos da scena, qualifica as obras de Antonio José. O povo applaudil-as-hia ainda hoje se as visse sobre o palco, porque sente-se viver n'ellas, e a razão é porque

*

afinam pelo seu viver e pensar. Comtudo, a sua originalidade não passa da fórmula e do dialogo, pois basta relancear os olhos pelos titulos, para conhecer que os assumptos são quasi todos mythologicos e heroicos. A exceptuar *San Gonçalo de Amarante* e *Os amantes de escabeche*, que alguns criticos attribuem a este auctor e outros a Alexandre Antonio de Lima, poucos temas nossos ahi encontramos

É bem conhecido o tragico fim do desditoso Antonio José, victima da tyrannia da Inquisição, que por mais de uma vez se converteu no braço armado dos odios que não ousavam apparecer á luz do dia. A sua morte foi um opprobrio para nós e uma verdadeira perda para a arte dramatica. Com os dois primeiros volumes do seu theatro vem mais outros dois, entre cujas comedias ha varias que são inquestionavelmente de Alexandre Antonio de Lima, como os *Novos encantos de amor*. Este escriptor não fez, pela maior parte, senão imitar e refundir diversas operas de Metastasio e tragi-comedias de Calderon.

Depois apparece-nos Nicolau Luiz, o tabaquento e ensebado mestre de meninos da rua da Rosa, que á maneira do fecundo Lope de Vega e modernamente do inexaurivel Scribe, guardadas as proporções, se torna o unico e predilecto escriptor do antigo theatro do bairro-Alto, edificado no páteo do conde de Soure. O talento de Nicolau Luiz não é original, mas a sua habilidade para accommodar ao gosto da época as producções do theatro hespanhol e italiano, é innegavel. A *D. Ignez de Castro*, *Aspasia na Syria*, *A Bello Selvagem*, *O escravo em grilhões de ouro*, e outras tragedias e comedias-heroicas provam o muito tino e disposição que elle possuia para este genero de trabalho. As mais gabadas são as comedias-heroicas de *Cordova Restaurada*, *D. Ignez de Castro*, *Conde Alarcos*, *Amor e obrigação*, e as que mais provam a vivacidade da sua imaginação e a abundancia e chiste do seu dialogo conceituoso, são as comedias a que os hespanhoes chamam de *capa e espada*, ou de *figuras*, por titulo *Os tributos da mocidade*, *A dama dos encantos*, e *D. João de Alvarado*. Diz José Maria da Costa e Silva, no seu *Ensaio biographico-critico*, que pelo menos um terço das comedias,

Que no Arsenal, ao vago caminhante,
Se vendem a cavallo n'um brabante,

são de Nicolau Luiz. Será affoutar de mais esta affirmativa, porque em tão vasta e variada babel está de certo obra de muitas pennas, o que é facil de rastrear pelo seu estylo e indole. No

entanto, é fóra de duvida que Nicolau Luiz, apesar de metrificador prósaico e desleixado, foi um copioso escriptor, e fez notaveis serviços ao theatro.

Veiu depois a Arcadia. A Arcadia é tambem uma filha das muitas outras academias que a antecederam, e que na maxima parte de seus intuitos, nas tendencias e educação litteraria de seus socios, nos themas que constituíam a sua existencia academica, mostrou não sentir em si a força de vida propria para renegar a série exotica de suas avós, e procurar os principios de uma vitalidade expontanea n'um ambiente purificado dos arremédos bombasticos e insulsos da escola de Gongora. Comtudo, a Arcadia, recebendo no seu gremio os homens mais notaveis e estudiosos, tem a valia de um bom symptoma litterario, e annuncia já a influencia dominante dos preceitos de Boileau e do seculo de Luiz XIV. Não a impelle a energia de uma seiva original, que a incite a vôos arrojados, mas de lá despontam os primeiros vislumbres da restauração da litteratura. Garção e Diniz figuram á testa dos arcades. A critica classica, e por vezes humoristica, conta n'elles dois notaveis representantes. O *Hyssope* é a demonstração eloquente d'esta affirmativa. Garção escreve duas comedias, *O theatro novo*, satyra ás peças de aspectaculo e enredo monstruoso, e a *Assembléa ou a partida*, critica á mania do tempo a dar funcções, ou *partidas*, como então lhes chamavam.

Estas comedias, a que o auctor chama erradamente dramas, mostram um desconhecimento formal das leis dramaticas, mas valem bastante como censura chistosa, em que algumas classes da sociedade apparecem expostas pelas suas faces mais ridiculas. Assim consideradas tem valor litterario e critico. Diniz escreve tambem *O Falso heroismo*, e traduz de La Touche *A Iphigenia em Taurida*. Quita e Pedagache emprehem juntos composições tragicas: a *Mélope* é um dos resultados d'esta tarefa collectiva; mas Quita compõe só uma *Castro*, talvez a melhor do nosso theatro. A leitura e estudo dos poetas francezes manifestam-se depois em quasi todos os nossos escriptores: as suas obras ou são moldadas nas peças de Corneille, Racine e Voltaire, ou simplesmente a versão d'ellas. Theotónio Gomes de Carvalho, tambem arcade, imita *A morte de Cesar*, de Voltaire; Francisco Dias Gomes escreve uma *Iphigenia* e uma *Electra*; e o desembargador José Pedro d'Azevedo da Silva Camara compõe a *Marianne*, a *Sophonisba*, e a *Semiramis*, assim como uma *Iphigenia* e uma *Electra*, trabalhos no genero de Ducis. É ainda Voltaire que os inspira. Francisco Soares Franco imita a *Hermione*; João Baptista Gomes dá a publico a sua *Nova Castro*, que é a de Quita refundida, e tra-

duz o *Fayel* e os *Machabeus*, de Arnaud. O theatro inglez figura n'esta época por uma excepção: *A noiva de luto*, de Congreve (*The mourning Bride*), é vertida com elegancia por José Antonio Cardozo. João Xavier de Mattos escreve tambem uma tragedia que intitula *Veriacia*, a qual pertence ao genero das *Osmias*, e traduz a *Penelope* do abbade Genest.

Esta simples exposição prova, que é mais o amor das tradições classicas que as inspirações que dão vida e podem animar a scena nacional, que preoccupa os talentos da época. Verdade é, que este empenho de restaurar os moldes classicos, e de transplantar para o nosso idioma as melhores tragedias francezas, não passou das academias; era um trabalho de erudição que deu raros signaes de si sobre o palco. A respeitavel e infinda familia das *Electras* e das *Osmias* desfilava magestosa só no seio das sessões academicas, quando em leitura aprasada seus auctores evocavam das sombras do passado estes vultos imponentes de cothurno e chlamyde sobraçada.

(Continúa.)

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

LELIA.

(Continuação do Canto Terceiro.)

Quando, e como acordei d'aquelle estado?
Não l'ò posso dizer; sei que a meus olhos,
O espirito infernal se convertêra
Na figura gentil de um bello moço,
Alto, airoso, ellegante, e delicado.
— «Olha bem para mim, tornou sorrindo,
Inda te inspira horror o meu aspecto?
Já vês, meu caro amigo, que o demonio
Não é sempre tão feio como o pintam.
— «Vade retro Satan» disse eu buscando,
Uma pequena cruz que havia muito
Costumava trazer pendente ao peito,
E já forte de mim ia mostral-a,
Quando, oh! Deus me lembrei que n'essa tarde
A mão falaz de Julia ma roubára.
Puz os olhos no chão desalentados;
O remorço cruel n'aquelle instante
A turvada consciencia me pungia!
— «Deixa escrupulos vãos, pobre poeta!
Olha em roda dos teus, encara o mundo,
Como o deve encarar quem tem bom senso.
Eu cheguei de Paris, e tinha medo
De perder o meu tempo n'esta terra;
Mas, ah! que me enganei, tenho comprado,
Um par de figurões quasi de graça!

Cantas a rosa, o nardo, a madre-silva,
 Nunca tens um real, ó desgraçado!
 Não faças versos mais, faze politica,
 Improviza um jornal, morde, abespinha,
 Sem consciencia e sem dó a honra alheia!

Hoje quiz apalpar a culta imprensa,
 Famosa instituição que me tem dado
 Ha tempos para cá milhares d'almas.
 Entre um grupo de illustres publicistas,
 Quasi todos catões, foi-me indicado
 O primeiro catão dos nossos dias.
 Uma palavra só fôra bastante
 Para tudo explicar entre nós ambos.
 Homem da situação, ou mais exacto,
 Homem das situações, sabe de quanto
 Se agita em torno a si n'esta republica.
 O que mais me espantou foi que no mundo
 Podesse haver mortal tão venturoso!
 Pasmam todos ao vêr o que elle come,
 Desde a meza do opr'ario á meza opipara,
 De opulento negreiro ou potentado
 De mais alto valor se acaso existe!
 Póde zumbir a inveja em volta d'elle,
 Morder-lhe a fama a cavilosa intriga,
 Exaltado rugir o odio implacavel,
 Nada d'isto consegue perturbal-o,
 Nem cortar-lhe o seu acto degestivo!
 É nedio, é luzidiu, é rocebondo,
 Como um gallo capão! Perdoa a imagem.
 Crava os olhos attentos n'este exemplo
 De solida moral, segue as pizadas
 Deste egrejeo varão, e eu te asseguro,
 Que has de em breve alcançar um nome illustre.
 Tudo agora me corre ás maravilhas,
 Nunca pensei que em terra tão pequena
 Se podessem fazer tão bons negocios.
 Hoje fui contratar com certa empresa
 De um moderno jornal, que se atirava
 Como lobo esfaimado ao ministerio.
 Era o mimo, era a flôr, era o portento
 Da incorrupta e briosa mocidade!
 Essa comprei-a então por atacado,
 Escaparam só dois, pobres diabos,
 Que nunca hão de passar da cepa torta!
 Que dia tão feliz! a toda a pressa,
 Fui depois assistir ao desembarque

De um nobre titular, victima embelle,
Do veneno infernal da torpe inveja.
O honrado cidadão vinha entregar-se
Nas mãos severas da imparcial justiça.
Fazia gosto vêr a comitiva
Dos invictos heroes que o circundavam.
Algun ranço burguez inda entre dentes,
Se atrevera a dizer que não passava
De um cadimo ladrão o illustre conde,
E se eu não chego a tempo era filado
Quando saltasse ao caes por quatro guitas.
Vê tu pois quanto póde o meu imperio,
Com raras excepções a livre imprensa,
Não soltou nem sequer uma palavra!

É tempo de voltar á bella Julia:
Esta linda mulher era beata
Da esplendida edicção que existe agora.
Encontrei-a uma vez, n'um dia santo
De grande devoção, quando acabava
De pôr aos pés de um padre os seus peccados.
Lelia vinha a seu lado; e porte ingenuo,
A singella expressão d'esta innocente
Sopro-me o fogo de infernaes desejos.
Como vês é distincto o meu aspecto,
E apezar do terror que ao mundo inspiro,
Muitas mulheres ha que intimamente
Se agradam mais de mim que dos janotas.
Oh! que austeras virtudes n'esse dia
Me caíram nas mãos! Lelia embebida,
Nas suas orações passou cravando
Com modestia no chão os olhos bellos.
Não fez reparo em mim, mais forte ainda,
Me ficára a vaidade remordendo.
Lembrei-me então da irmã como instrumento
Para alcançar o fim que ambicionava.
Por entre o raro véu que lhe encobria
O rosto seductor, de espaço a espaço
Se viam scintillar os olhos negros
Com mais fogo e mais luz do que as estrellas
Quando as nuvens do céu se rarefazem.
(A imagem é vulgar, porém confessa,
Que tu proprio tens feito outras peores.)
Ella olhou para mim aproximei-me,
Fallei-lhe e respondeu. Na mesma tarde
Perfeito accordo havia entre nós ambos.
Precisava ostentar á luz do mundo,

O esplendido poder dos seus encantos.
 Tudo pois lhe alcancei, casa opulenta,
 Joias, vestidos, trens apparatusos,
 Quanto emfim dá realce á formosura,
 L'he augmenta a seducção e a faz mais bella.
 Nada d'isto, porém, causára effeito
 No joven coração da casta Lelia.
 Olhava para a irmã, como assustada,
 Quando a via ostentar tanta grandeza.
 Por mil vezes tentei vêr se podia
 Aproximar-me d'ella; era impossivel.
 Adivinhas porque? trazia ao peito
 Pendente a cruz que a mãe lhe havia dado
 Pouco antes de soltar o extremo alento.
 Quando na flôr da vida e da innocencia
 Vejo a meu lado incauta formosura
 Oh! como sou feliz! — ninguem no mundo
 Presa tanto como eu uma alma ingenua,
 Mas é para a perder! Desculpa ao menos
 Em nome da franqueza este teu servo.

Um sacerdote ancião que além habita,
 N'aquella ermida que d'aqui se avista
 Teima em não m'a deixar; tu só podias
 Ajudar-me a vencer n'esta batalha.
 Inda ha pouco menti quando te disse
 Ser tarde já para salvar a pomba.
 É tempo ainda, oh váe! Colhe as premicias
 D'aquelle coração que te idolatra.
 Tudo é luz, seducção, amor, encanto,
 Na voz, no olhar, na languida ternura
 Da rosa virginal que tu despresas!
 Anhelantes te esperam já seus labios,
 O seu peito infantil por ti suspira,
 No ouvido sente a voz dos teus protestos,
 O subito rubor lhe affronta as faces!
 Não a vês hesitar, tremer, fugir-te,
 Acercar-se outra vez, sorrir a furto
 Escondendo nas mãos a fronte bella?
 De novo inda lutar, mas já sem forças
 Cair por fim n'um languido deliquio?
 Oh, corre a ser feliz nos braços d'ella!

BULHÃO PATO.

(Continúa.)

JOSÉ JORGE LOUREIRO

PARTE II

(1815 a 1829)

I

A confirmação da paz trouxe á patria o moço alferes.

Em Março de 1815 um acontecimento prodigioso estremeceu momentaneamente a Europa. O desaparecimento de Napoleão da ilha d'Elba, o seu desembarque em Golfo-Juan, a celeridade da sua marcha até Lyão, e o movimento triumphal, que o levou a Pariz, assombraram as potencias, que mal tinham tido tempo de descançar as armas.

Sabe-se como recomeçou a batalha. A aguia, rasgando novamente o vôo, foi cahir ferida em Waterloo, para ir adormecer em Santa Helena. Seria prolixidade ociosa repetir o magnifico episodio dos Cem-dias, que fulgiu e passou como um meteóro. Era o post-scriptum de uma epopea: temeram-n'o como epilogo d'ella.

A Portugal chegou apenas a sensação de assombro e terror. Tam rapido foi o periodo da interpollação imperial, que o sobresalto dos animos encontrou logo a noticia da catastrophe. A França estava cansada, o despotismo da espada suscitava apre-hensoens: extremos de desconfiança paralysaram a energia sobrehumana que seria necessaria.

A consequencia foi uma segunda restauração, mais rigorosa,

mais audaz, que, dentro e fóra da França, directa e indirectamente, fez sentir os seus effeitos.

Tem sido diversamente julgado aquelle regime. Não lhe faltam glorificadores apaixonados, nem detractores levianos. O seu maior erro foi suppôr vida no que era cadaver. Para julgar os seus actos, e sobretudo os seus homens, cumpriria representar a situação em todas as circumstancias, por todos os aspectos, com os conflictos de idéas e de interesses, que necessariamente haviam de influir nas regioens do poder.

Não é tal o meu intuito, nem em tam modesta escripta caberia similhante analyse. Bastará mencionar o que notoriamente contribuiu para determinar, ou desinvolver, os acontecimentos, no meio dos quaes se foi definindo o character cujos lineamentos tento esboçar.

A invasão franceza, com abalar e exaltar o espirito nacional, fora uma verdadeira revellação. Completou a presença dos auxiliares inglezes este trabalho regenerador. A convivencia dos estrangeiros, que traziam novos costumes e diversas idéas, modificou profundamente a sociedade portugueza, e, fazendo entrever perspectivas, até então ignotas, levantou os pensamentos a aspiraçoens politicas, que pouco antes pareceriam temerarias, se não monstruosas.

Havia o antigo systema governativo perdido o prestigio, que lhe dava a ancienidade e o costume. A corte, que o representava, desamparando a nação na angustia, tinha commettido um d'esses erros funestos, que se fazem cada vez mais irremediaveis: separára do povo os seus interesses, e offerecera ao vulgo o espectáculo de uma debilitação e pusillanimidade, que não estava nas tradicçoens do paiz.

As memorias veneradas de D. João I e D. João IV accusavam na consciencia publica a timidez do principe regente. Era novo este exemplo de um braço real tam imbelle, que deixava não só perder a espada, mas fugir o sceptro. As vozes dos panegyristas somente ousaram desculpar, e a necessidade da desculpa avivava mais o desconceito. Á politica não falleceram rasoens para justificar o passo, que precipitou a queda da antiga realza e a desmembração do Brasil. Mas que é o que não justifica a politica? O povo de ordinario percebe mal as declinatorias especiosas, a que é uso chamar «rasão d'Estado»... para terem algum nome.

Sob o ponto de vista do interesse inglez, que n'isto veiu a ganhar tudo, concebe-se bem a justificação. Sob o ponto de vista nacional, comprehende-se menos. Por mais que digam todas essas politicas, o bom senso, parece-nos, dirá melhor.

II

Que succedeu com effeito? A fuga da corte deixou o reino aberto, desarmado, privado dos subsidios de todo o genero, que os expatriados levaram comsigo; deixou mais as riquezas nacionaes á mercê do invasor, um governo interino e fróxo, as povoaçoens em desalento; deixou emfim lesados, e com justiça descontentes, os naturaes alliados, os inglezes, até então sacrificados a temporisaçoens ignominiosas, e em cima de ignominiosas inha-beis e inefficazes.

N'esta situação, com o inimigo senhor de casa, e já abastecido e restaurado por todas as confortaçõens d'ella, era evidentemente muito mais difficil expulsal-o, do que seria antes repelil-o. Todavia a expulsão verificou-se. Vieram á lueta as armas britannicas, é verdade; mas este auxillio em todo o tempo seria concedido, por que o estimulava o interesse proprio.

Se uma politica franca, previdente e resoluta, houvesse a tempo encarado o perigo, e com energia medido as eventualidades, Portugal poderia ter entrado na lueta prevenido, e não já exaustado, como veiu a entrar, á força de prudencia timorata, que nos casos extremos é sempre a maxima imprudencia. Metade—menos talvez, muito menos de certo—dos immensos valores, desbaratados com os ocios da expatriação, ou, sob differentes fórmias, extorquidos e dissipados pelos invasores, teriam bastado para manter exercitos, municiar praças, levantar campos, multiplicar linhas, e abastecer armadas. Em Portugal nunca faltaram soldados, nem marinheiros, quando a patria é ameaçada.

Viu-se depois. O erro foi não se ver antes.

Salvar-se-hia muita cousa, e a principal de todas ellas—o decoro. Dado que a sorte das armas fosse adversa, bastava a idéa da resistencia por parte de um Estado pequeno para nobilitar esse Estado, retemperar o povo, e grangear-lhe nos concilios europeus logar mais avantajado que o de pupillo.

A idéa de affrontar o poder de Napoleão no apogeu dos seus triumphos havia de parecer então singularmente ousada. Mas não o affrontou depois a inspiração popular, que n'estes casos calcula menos e acerta mais? não o affrontou com exito, provando que a temerosa impossibilidade, como outras muitas, frequentemente allegadas, era uma cousa muito possivel?

E haveria n'essa época para nós alternativa entre um rompimento absoluto com a Inglaterra, que nos custaria provavelmente a nossa autonomia, ou uma união immediata e leal com ella, como nos estavam aconselhando todos os interesses?

Quando oppostas instancias apertam por tal modo, é demencia, é mais, é vileza, reccorrer ás ambiguidades na esperança de manter uma neutralidade impossivel, ou um equilibrio mais ariscado que tudo. Em casos taes a neutralidade só é permittida aos poderosos. Os pequenos, que os azares da sorte mettem na contenda entre collossos, ou sam impellidos ou esmagados. Não devia ser, tempo virá talvez em que não seja; mas era assim então, e é ainda hoje.

A duplicidade provoca o desprezo de amigos e contrarios. Eis o que se ganha. Uma resolução opportuna atrahê a gratidão d'aquelle a quem aproveita, e não poucas vezes o respeito do mesmo a quem prejudica. Não vale a pena aventurar as contingencias inseparaveis de todos os "desenhos humanos?"

Estava no primeiro caso a politica dos conselheiros do principe regente, excessivamente cautos, senão esquecidos das authoridades e exemplos domesticos; politica dubia, que unicamente lograra offender os alliados necessarios, sem concilliar os inimigos inevitaveis!

Rompendo opportunamente com a França, teriamos dado á Inglaterra na Peninsula bem mais ainda do que lhe prestámos, e a nossa parte nos resultados podéra ser maior e mais respeitada.

Quando se nos tornou insupportavel uma oppressão muito de prever, por que os interesses, que para nós tinham olhado, só podiam ser interesses de conquista, os inglezes deram-nos a mão por que lhes era conveniente; mas deram-nos a mão como quem favorece transviados, não como quem esposa uma causa commum.

É grande, é immensa a differença. Da mais alta importancia foram as consequencias que d'ella derivaram.

III

A quem na sua terra ha de receber estrangeiros por auxiliares, mais vale tel-os agradecidos que protectores. Tal era a nossa situação. Escolhemos o peor.

Do protectorado ao dominio vai pouco. Os inglezes venceram brevemente a distancia.

Do principe ficára sómente o nome, do poder a sombra. N'estas circurastancias, e com a memoria dos anteriores agravos, não se contrafez o natural orgulho britannico. Favorecia a prolongada ausencia da corte todas as audacias, e a authoridade do

governo nacional andava mais no estado maior de Beresford do que nos magistrados do paiz.

As turbas, como se disse, pressentiram instinctivamente que a realza degenerada as tinha em menos do que os antigo; monarchas, e esqueceram o acatamento quasi supersticioso, em que a instituição por muito escorára a propria caduquez. Os homens esclarecidos raciocinavam as causas e os effeitos, e, olhando para o futuro, principiavam a decorar as novas palavras, e as idéas peregrinas que ellas representavam.

A restauração portugueza tinha sido uma revolução nacional. Para os poderes, que se não reputam deveres, sam perigosas as revoluçoens, ainda quando lhes aproveitam. Mede por ellas o povo o que póde, o que vale, o que é; e se hoje, sob o influxo de um sentimento, levanta as effigies derribadas por mão estranha, ámanhan, sob o impulso de um desengano, sob o imperio de uma reflexão, póde instaurar outros symbolos.

Regosija-te, vangloria-te, dominação reposta nos broqueis insurrectos, suppondo que deves o triumpho á tua virtude! Soa-te a ultima hora nos mesmos applausos, que te saudam com a ebriedade do enthusiasmo. Já não está em ti o verdadeiro poder, que não soubeste guardar: está na multidão, para onde passou a iniciativa e a força, e n'ella estará até que o transmitta a mãos mais aptas. As suas acclamaçoens significam sómente que a inspira a derradeira illusão. Ai! se a perde. E ha de perder, se não buscas outras bases. Julga-te ainda a eterna divindade. Um pouco mais, e reconhecerá como és um idolo fragil!

IV

Duas cogitaçoens traziam por esta época enlevada a parte mais selecta da nação. Com serem diversas na origem levavam ao mesmo fim. Confundiam-se nas ultimas sombras que precedem a aurora.

Incitava a dôr o patriotismo, alvorecia nos desejos a liberdade. Mal se poderia porém deffinir então se o patriotismo lidava por alcançar a liberdade, se o espirito da liberdade se difundia para remir o patriotismo.

Como quer que fosse, augmentavam de dia para dia as impaciencias, mal soffridas do jugo, de todo o jugo. Via-se com disabor que os inglezes, depois de monopolisarem os louros, convertiam o auxillio em tutella. Via-se com tristeza faltar no governo a energia que dá a dignidade. Como não seria natural pensar em mudanças?

Foi sempre achaque nosso, como de todos povos que tem grandes recordaçoes, o ciume de independencia e gloria. Occultavam-nos uma com iniqua parcialidade; cerceavam-nos outra com extranha arrogancia. Ressentimo-nos. O ressentimento iniciou a emancipação.

A historia d'essa época notavel, a historia que está por fazer, mas que ha de fazer-se, tenho fé, confirmará estas indicações, que me sam já convencimento. Quando nos actos e documentos coetaneos se procurar o fio e a razão dos successos, em parte ainda obscuros, ver-se-ha com effeito, espero-o também firmemente, como a investigação, o exame e a critica philosophica sanccionam estas conclusões, já repetidamente presagiadas.

Á maneira dos vapores, que o Oceano exhalla, e de vapores se engrossam em nuvens, e de nuvens rebentam em procellas, começavam a desinvolver-se d'esta secreta fermentação esperanças, que brevemente se condensaram em designios. A idéa teve martyres: fez-se doutrina.

Assim, as tentativas, que a restauração franceza obstinadamente fazia para apagar as conquistas da humanidade e forçar o mundo a retrogradar, em toda a parte onde as novas idéas germinavam eram vistas com repugnancia igual á que haviam provocado as proprias invasoens. Em Portugal muitos homens sinceros, que tinham combatido denodadamente os soldados de Napoleão, viram primeiro com desgosto, depois com terror, os actos dos Bourbons, que annunciavam a conspiração do despotismo, e a subserviencia ao influxo da Sancta-alliança.

Então, como antes, os olhos não se despregavam d'aquella França, que, apesar de abatida, era ainda o fóco luminoso do pensamento. Fôra a restauração compellida a acceitar e conservar os fóros adquiridos, eloquente prova da omnipotencia d'elles! Apercebia-se porém para demolir as instituções que os protegiam, e cancellar as paginas em que estavam escriptos. Aguçava-se nas trevas o cutello, que havia de truncar os fastos, eliminando os ultimos vinte annos.

Manifestavam-se já em actos os intuitos. Estes symptomas, que os atilados seguiam anciosamente, traziam por toda a parte em sobresalto os adeptos, cada vez mais numerosos, das franquias e principios ameaçados. Importava que os povos se apressassem, se quieram, sustentando-se mutuamente, entrar na posse definitiva e ter o goso pacifico dos direitos, que o Evangelho proclamára, e a tyrannia proscreevera.

V

N'esta occulta elaboração correram os tempos até 1820. José Jorge Loureiro pelos antecedentes da sua vida militar era talvez menos hostil aos inglezes do que muitos dos seus camaradas; mas não menos dedicado aos interesses da patria. A educação e as luzes inclinavam-lhe o animo para as innovaçoes, que se iam tornando necessidades. A mesma convivencia com os officiaes d'uma nação, que praticava a liberdade e se dava bem com ella, lhe fazia claramente conhecer como era realisavel, como era fecundo, o que para muitos ainda apenas vislumbrava como theoria incerta. Quanto já vira, quanto estudava attentamente, predispunha-o a abraçar com fervor a crença que por si mesma se propagava. N'outros a adhesão podia nascer da inspiração alheia, do instincto, das ambiçoens, das circumstancias; n'aquelle espirito recto, pertinaz, e observador, provinha da reflexão. Sem esquecer as obrigaçoens contrahidas, fiel e zeloso no desempenho dos deveres a que cedo o affeioára uma disciplina severa, os seus votos estavam com o pensamento emancipador, que já convulsionava a Hispanha.

A revolução de 28 de Agosto abriu nova era. Ás incertezas d'essa primeira tentativa n'outro ensaio analogo me referi já, percorrendo as mesmas datas.¹

José Jorge Loureiro, sem vacillar, pôz a sua espada ao serviço de uma causa, que havia muito era sua.

Anciava elle viajar e instruir-se. As breves e anteriores digressões estavam-lhe estimulando este, que fôra sempre o desejo da sua mocidade. Breve se lhe offereceu oportunidade de satisfazer a natural propensão, sem deixar de servir o seu paiz. Proporcionou-lh'a a nomeação de addido á legação da Suecia, que por esta época recebeu.

Passar dos quartéis ás chancellarias, do estrondo das armas ás discussões de direito, da franquesa dos campos ás subtilesas da diplomacia, era torcer na apparencia o começado caminho. Nos postos superiores é frequente. Muitas vezes o general faz-se embaixador, e apenas muda a fórma das evoluçoens. Nos graus subalternos é mais raro, e no addido noviço não se explicava do mesmo modo, não que lhe faltasse capacidade, senão que lhe sobrava candura.

¹ BIOGRAPHIA de Manoel Maria da Silva Bruschy, no 1.º anno da *Revista Contemporanea*.

Por indole e convencimento era elle avesso ás dissimulaçoens e argucias. Não o chamava para ali o pendor do seu espirito.

Os lances das insurreiçoens em tempos de agitação offereciam-lhe mais faceis e promptos accrescentamentos. Mas para os homens da tempera de José Jorge Loureiro não sam feitos os accessos, que se encontram em taes eventualidades. Amava na revolução as idéas, não os proveitos. Os seus austeros principios militares eram antipathicos ás irregularidades, que de ordinario acompanham as dissençoens publicas.

Se estas consideraçoens lhe não influiram a resolução, que accidentalmente o levou a carreira tam diversa da sua, de certo lhe alvoroçaram o animo concorrendo para lhe fazer accceitar o cargo decoroso, onde podia aprender mais prestantes cousas do que as perniciosidades em que ordinariamente amestram os tumultos e porfias das contendadas politicas.

Annos durou a commissão, que lhe foi estudo, e estudo aproveitado. Variado e novo o achava na lingua, na sociedade, nos costumes da velha Scandinavia.

Que maior e melhor livro do que o livro do mundo? Folheia-o quem viaja, e mais ainda quem viaja observando. A residencia entre povos diversos, de diversa procedencia e civilisação, necessariamente dilata os conhecimentos, assegura os juizos, enriquece a memoria, e aperfeiçoa as faculdades. Que de noçoens ignoradas! Que de factos desconhecidos! Que de uteis exemplos! Que de uzos instructivos! Que de estimulos ao engenho! Que de assumptos para a meditação!

Livro e escolla é essa vida, que se matiza de tantas alheias vidas; livro a que ajuncta cada dia um capitulo; escolla em que nunca cessa o ensino e o deleite. Receita-se ao corpo a mudança de ares para regenerar os orgãos. Vai tambem a ares o espirito n'estas salutiferas translaçoens, e vem d'elles mais fortalecido e possante. Seja embora fria e apathica a pessoa, o movimento e a novidade do expectaculo ham-de aquecer-lhe o sangue e activar-lhe o intendmento. Terá mais para comparar, terá mais para reflectir. Não aspira a sabio? Não nasceu artista? Que importa? Alguma cousa do que vir lhe ficará. No contacto das artes alargará a imaginação; no contacto das sciencias apurará o espirito. Com as scenas da natureza costumar-se-ha a admirar na criação o Creador!

Se qualquer lucra n'este exercicio de todos os exercicios, n'esta licção de tantas licçoens, n'este archivo de impressoens multipas, como não ganharia um homem, para quem tal doutrinação fóra sempre enlevo, e se tornára amor?

VI

Ao cabo de alguns annos, o addido regressou a Lisboa e re-fez-se militar. Foi-lhe então conferido o posto de capitão, que por antiguidade lhe tocava, e n'elle passou para o regimento de infantaria n.º 1.

N'isto chegaram os acontecimentos de 1828.

As instituçoens liberaes, luctando com os erros da inexperiencia e as obstinadas resistencias do passado, vacillavam no solo estremecido de continuas tempestades. Não cessára a reacção de conspirar. Um exercito francez, o denominado *exercito da fé*, havia entrado em Hispanha, sob o commando de um principe real, a fim de escudar as ferocidades do absolutismo inexoravel, e amparar o throno aballado da enormidade das proprias vindictas.

Mal podia o exemplo animar os liberaes portuguezes. Hesitaram os destemidos, retrahiram-se os tibios, voltaram-se os du-bios. É o costume. Não teve a causa constitucional mais activos e temerosos contrarios do que os reconvertidos, ou desconvertidos.

De Castella sopravam os ares. Todos os cataventos apontaram para onde estava sangue de Castella, como se fôra rasão prophetica o popular dictame, em que o rifão pretende que d'ali: «nem bom vento, nem bom casamento.» Estes se fizeram os mais intractaveis, estes os mais apressados, estes os mais zellosos instigadores do retrocesso. Pois não tinham de escurecer e espiar as anteriores culpas?

Curta e menos sanguinosa seria de certo a contenda entre as idéas oppostas e os homens sinceros, se não foram esses forrageadores de todos os campos, que em nenhum páram e por isso todos acceitam, que fazem profissão da apostasia e médram com o officio.

Dizem que praga das naçoens sam os publicanos astutos, que na vanguarda dos partidos andam a pôr feira de adhesoens, consultando os auspicios da astrologia politica? Dizem que peste dos Estados se ham-de considerar aquelles erradios ciganos, que incitam sempre a discordia, porque, similhantes aos corvos, só nos despojos das batalhas saciam a voracidade? Deve ser assim para os povos que pagam. Mas para si, os taes, em boa verdade tem benção. É observal-os, como prosperam! É admiral-os, como se anediam! É celebrar o miraculoso engenho, com que em sancto ocio arredondam as arcas e as rendas, até estoirarem um dia de obesidade ou temulencia!

E extranha-se que o numero cresça? Receia-se que, dividida a gente n'estas tribus nomadas, dispostas ao mutuo assalto, a patria venha a fazer-se deserto? Timidez excessiva! Extranhesa irrisoria! Ouvireis de uns que é progresso. Ouvireis de outros que é civilisação. Duas palavras, a que se dam todas as definiçoens opportunas, e com as quaes se cobrem todas as torpezas imaginaveis!

Seja ou não progresso, seja ou não civilisação, é empreza util é especulação fructuosa, é commercio lucrativo, é cultura pingue. Não corre as contingencias da linha recta, que vai com frequencia topar em precipicios. Não se subjeita aos riscos da fé inteira, que tem muita vez de affrontar martyrios. Applauda a sociedade estas agudezas; e não só as applauda, premeia-as. Como não hade o premio attrahir, se juncta honra e proveito? De que serve pois a queixa? Deplorar o mal, que se promove, é puerilidade ou demencia.

A tantos conjurados não podia resistir a liberdade; e conjurados eram tanto os inimigos constantes como os amigos da vespera. Estava a nova planta ainda mal arreigada no solo. Tinha-se perdido em discursos o tempo que devera ser para a accção.

O sr. infante D. Miguel voltou ao reino. Trazia as instrucçoens, os principios, e o appoio da Sancta-alliança, que ia triumphando em toda a parte. Os liberaes sinceros achavam-se exhaustos. A reacção fizera-se poderosa com estes elementos. Em 25 de Abril do anno já referido o infante era proclamado rei!

Revivia o absolutismo, intolerante como nunca. A opinião tornou-se um crime. Em breve as perseguicçoens forçaram muitos cidadãos a tomar o triste caminho do exilio.

A historia da emigração é complexa. Entre os que se condecoraram com o titulo de emigrados, nem todos foram levados á terra estrangeira pela força do convencimento. Immensas eram as victimas: no meio d'ellas insinuaram-se furtivamente alguns intrusos, que, sob as apparencias do sacrificio politico, dissimulavam causas menos nobres e mais pessoaes. D'ahi provieram talvez muitos dissabores, e tramas funestos.

José Jorge Loureiro não era homem que se abatesse a transacçoens de consciencia. Na sua posição, e nas circumstancias occorrentes, ou havia de renegar os seus principios, ou perder a honrosa carreira, que já lhe levára parte da vida. Na dolorosa alternativa preferiu a expatriação com todos os seus amargores e incertesas.

Emigrou tambem, mas emigrou para conservar intacta a fé,

pensando dar tudo em holocausto á causa a que livremente se ligára : provou-o com todos os seus actos nos tempos de provação e nas épocas de lucta !

VI

Eil-o de novo em terra estrangeira !

D'esta vez não o chama a curiosidade vagabunda. Entrou já na idade em que é a casa refugio e conforto. Doe o esforço, que desprende o affecto dos braços da familia. Faz-se tormento a saudade, que deixa no lar a inquietação, e os receios, e as ameaças do futuro.

D'esta vez não é uma excursão de aventuras, que póde a todo o tempo interromper um chamamento de carinho, um sobresalto do coração. É uma separação, que as esperanças não aligeiram, que não mede termo, que nem remotamente prevê as alegrias do regresso — antecipada consolação do viajante, fugitivo spectro do desterrado !

Depois de residir algum tempo em Londres, José Jorge Loureiro foi estabelecer-se em Pariz. Os motivos d'esta mudança sam muito para se aqui mencionarem.

Em Londres era maior o dispendio, grande o tumulto, continuas as cabalas e enredos entre os emigrados, que, segundo é uzo na desgraça, mutuamente se imputavam erros, devidos em parte ás circumstancias. O capitão Loureiro queria viver exclusivamente, e por isso economicamente, do seu patrimonio ; desejava esquivar-se ás intrigas, reservando-se para os serviços ; contava aproveitar em uteis estudos estes ocios forçados. Pariz era para tudo isto mais accomodado asillo.

Ficando em Londres poderia participar dos subsidios, que eram ministrados aos seus companheiros. Tudo porém recusou para não captivar a sua liberdade e consciencia. Intendia tambem que, não tendo elle precisão absoluta, o auxilio que fruisse *seria um roubo* (sam palavras suas) a qualquer outro mais necessitado.

Não invento prendas para ornamento de um heroe ficticio : nada menciono que não esteja authenticado.

E como inventaria ? Estam ainda ahi muitas pessoas, que viveram e tractaram com elle n'essa época, muitas bem capazes de comprehenderem e attestarem a abnegação, o desinteresse e o verdadeiro patriotismo. Digam ellas se n'esse periodo agitado e calamitoso, como em toda a sua austera existencia, José Jorge Loureiro, não esteve sempre prompto para servir a patria, nunca para acceitar favor, menos ainda para o sollicitar !

VII

Em Pariz estabeleceu pois o domicilio, como quem mal antevia outro. N'este ponto vem elle em pessoa relatar-nos os seus desejos, os seus pensamentos e occupaçoens. Ficou entre nós uma parte de seu espirito: aproveitemol-a como cousa preciosa; escutémol-a como cousa veneranda. Aquelle espirito, que tam pouco fallou de si em vida, venha agora do outro lado da campa guiar, advertir, e ensinar com o seu exemplo os vivos.

N'uma carta de Pariz, que tem a data de 8 de Janeiro de 1829, acha-se o periodo seguinte: «... os meus dias estam todos distribuidos, e ás vezes até me falta o tempo para fazer as visitas indispensaveis. Nas segundas e quartas feiras, de dia, sigo o «curso de Chimica de Mr. Thénard; nas terças e sextas, um de «Physica ellementar; e nas quintas e sabbados um de Philosophia «outro de Historia moderna. Ás noites, nas segundas e quintas, «um de Chimica applicada ás artes; e nas terças e sextas o de «economia industrial, professado pelo celebre J. B. Say, que é «novo este anno e me parece muito interessante. Graças portanto á abertura das aulas, e aos meios que se encontram aqui, «já os dias me não parecem tam longos, e já trago o espirito mais «occupado. Talvez te pareça excessiva a tarefa; porem como os «dois principaes ramos, a Chimica e Physica, já me não são novos, «e os cursos servem tam somente para me avivar idéas adormecidas, posso conciliar todos estes estudos, e na distribuição d'elles «não acho confusão...»

Que encarecimentos valeriam este singello relatorio? Em quanto outros — por desgraça muitos! — se affadigam em disputar gráus, promover divisoens, organisar parcerias, supplantar rivalidades, e levantar a propria fortuna com o fito em paixoens ou interesses, que damnam a causa da patria, José Jorge Loureiro só cuida em instruir-se. Quer instruir-se não tanto para si como para os seus; quer instruir-se a fim de tornar-se util.

Suppunha-se elle então affastado para sempre da vida militar, á que dera tam aturados e perdidos desvellos. Prevenia-se com outros meios de assegurar a sua independencia e de servir a patria, se algum dia lhe fosse permittido voltar a ella. Á industria e ao commercio volvia a attenção; mas ao commercio, mas á industria auxiliada de conhecimentos, que, nacionalisados, seriam outros tantos progressos.

Este era verdadeiro amor á terra natal, que, por se lhe quebrarem na mão as armas, não se julgava exempto de consagrar-lhe a vida.

Emigrou tambem, mas emigrou para conservar intacta a pátria.

Tam diligente e perseverante seguia n'este empenho de ver e estudar, que no verão do mesmo anno, tanto que se encerraram as aulas, foi expressamente a Rouen e a Elbœuf visitar os grandes estabelecimentos industriaes d'aquelles pontos, especialmente os de lanificios no segundo, para observar na pratica os respectivos regimes, artes, e modos de produzir.

Recolhendo d'esta digressão, emprehendeu a pé uma viagem á Suissa, com o intento de visitar n'aquelle paiz o instituto agricola de Hofwyl, que então gosava de grandes credits na Europa, e na volta a Pariz o de Rôville, cujos *Annaes*, publicação recente, principiavam a estimular os agronomos de mais alumiado intendimento.

Nimol-o ja nos bancos universitarios, nos campos de batalha, na iniciação diplomatica, nos tempos de revolução, e nas experiencias da adversidade: vel-o-hemos agora, encostadas as armas sobre os livros, tomar incansavel o bordão de perigrino!

J. S. MENDES LEAL JUNIOR.

LEITURA SOBRE ASTRONOMIA.¹

Senhores:—Cabe-me a honra de subir tambem a esta cadeira, para vos fallar de Astronomia, a mais elevada das sciencias humanas.

Confesso, senhores, que me fallece o animo quando me lembro dos que me precederam, e do assumpto que vou tratar; mas a idéa da grandeza do objecto, que por si só se recommenda, e a indulgencia dos que me escutam dam-me coragem.

A Astronomia é a sciencia dos movimentos celestes, dos phenomenos que se observam no céu, e de tudo o que tem relação com os astros; é o conhecimento das leis que os regem; é a parte das mathematicas mixtas que se occupa das grandezas, movimentos, e distancias das estrellas, planetas, e cometas.

Já d'aqui podeis concluir a sua vastidão e difficuldade; e que para a intender são indispensaveis muitos principios, que poucos de vós possuís.

Mas eu quero que me comprehendais, e vou por isso eliminar do meu discurso o calculo—uma das bases essencialissimas da sciencia.—Nada vos direi da sua historia, que é longa, e que podeis ler, por exemplo, na *Exposição do systema do mundo pelo mar-*

¹ Foi escripta para se dizer em um dos serões litterarios do Lyceu do Funchal, e só agora completamente publicada, feitas as ampliações que o estado da sciencia exigia.

quez de La Place, um dos mais preciosos livros que existem. Limitar-me-hei a dar-vos uma idéa mui succinta dos astros, e do que se sabe ou suppõe ácerca da sua natureza e movimentos; e a final, explicar-vos-hei os phenomenos que lhes são relativos.

O alvo que miro é que não seja inutil o que vou dizer-vos; que não sirva só de vos fazer passar uma hora distrahidos.

É mais árduo do que parece fallar assim sobre uma sciencia cujos fundamentos são a observação e o calculo. Mas é forçoso que todos tenham idéa d'ella; e eu porei todo o empenho em ser o mais claro possivel.

ESPECTACULO DO CÉU

Oh! que tes cieux sont grands! et que l'esprit de l'homme
Plie et tombe de haut, mon Dieu! quand il te nomme!

L'infini dans les cieux — Lamartine

De ces astres brillants, son plus sublime ouvrage,
Dieu seul connait le nombre, et la distance, et l'age.

Les étoiles. — Lamartine

Man pauses breathless at the contemplation of a subject so
much above his finite faculties, and only can wonder
and adore.

É noite profunda. A lua, rainha da amplidão azulada dos céus, caminha serena pelas solidões do espaço. A sua luz, os lagos, os rios, os mares são de prata liquida; mas as terras povoam-se de sombras, a floresta é negra, as serras não se recortam bem no horisonte, a montanha avulta ameaçadora, a rocha é sinistra.

Reina um silencio singular na natureza!

As ondas do mar apenas soluçam nas praias.

Nem uma voz que rompa essa mudez mysteriosa. Tudo jaz submerso em melancholica immobilidade.

Ao ver esse mundo sem echos — escreve Lamartine — dir-se-hia contemplar em sonhos, atravez do passado, o phantasma de um mundo onde cessasse a vida.

Cada objecto como se envolve em roupas magicas, que, sem o roubarem á vista, lhe roubam as fórmãs, dando-lhe um aspecto phantastico.

Mas o marmore dos tumulos alveja mais entre as arvores esguias dos cemiterios. Tudo o que é triste, saudoso, ou lugubre distingue-se melhor! Ha só uma nuvemzinha no céu: é o veu de prata da odalisca circassiana que o vento soltasse de seus hombros de alabastro.

Onde vai ella, essa nuvem graciosa e sympathica? D'onde veio?

quem a formou? Irá por ventura orar sósinha aos pés do throno longiquo do Senhor?

E esse globo de luz meiga e terna que alumia as noites, para onde vai, descendo já das altas regiões a que subíra? É seu o clarão suave que nos transmite, ou de quem o recebe para o reflectir sobre a terra que habitámos?

Vêde-a que lá se occulta por de traz de um monte do poente. Os seus raios, atravez da ramagem dos bosques, lembram as vistas de despedida da mulher que se ama. Assim, por entre as pestanas, ella nos volve um olhar pensativo, cheio de lagrimas e saudade.

Mas que mudança se operou na scena celeste?!

Que innumeravel multidão de pontos luminosos é essa que agora recama a abobeda arqueada magestosamente sobre as nossas cabeças?!... São as *Estrellas!*

Que vista, que pompa, que riqueza, que espectaculo deslumbrante é esse!?

Ha pouco mal se distinguíam nas profundezas do espaço. Envergonhadas do seu pouco esplendor em face da senhora que passava em suas dilatadas campinas, semelhantes a um sequito infinito de formosas virgens, seguiam de longe a soberana, mil vezes mais radiante do que ellas. Agora folgam em grupos de seductora belleza; o scintillar trahe-lhes a alegria e os risos; nota-se até quaes entre todas são as mais gentis e mais bellas, qual tem mais vivas côres! E assim, conservando sempre a mesma ordem em que vinham, se dirigem no mesmo sentido da deusa, fugindo-nos tambem á vista umas apoz outras. Mas o bando infindo nunca acaba de passar, e occupa sempre a incommensuravel extensão dos céus!

Entre ellas, porém, algumas ha—raras—que parecem distrahidas com diverso pensamento! Não conservam a sua posição nos grupos; pouco se lhes dá de poder brilhar sem que as offusque maior beldade; nem se percebe que tomem parte no geral prazer!

E todavia, formosas são tambem: algumas d'ellas mais do que qualquer das outras, que, livres da poderosa rival que lhes apagava as graças, ahí doidejavam! Será que as entristeça o amor? Pensarão ellas no poeta da terra que as ama?... O que são? *Planetas*, estrellas que não scintillam, chamadas *errantes*, em opposição ás outras que são as *fixas!*!

Não achais incompativel a denominação com a apparencia?

Que immensa zona irregular, alvacenta, e luminosa é aquella que cinge o firmamento? É a *Via Lactea*, uma accumulção de estrellas!

Não se vos afigurou n'este instante que uma estrella corrêra no espaço, deixando apoz si um sulco brilhante, e sumindo-se de repente nos abysmos celestes, como a esperança de ventura se esvai breve ao infeliz? É uma *Exhalação* inflammada, que, de longe, no momento em que se accende parece uma estrella.

E nunca, em uma d'essas noites limpidas em que o ar é puro e embalsamado, avistastes attonitos uma figura estranha entre os astros, de catadura atterradora; arrastando ora immensa e diaphana cauda, ora sacudindo hirsuta juba; semelhante a uma fera espavorida, que, acossada pelo susto, foge em desatino, espalhando por toda a parte o pavor que a traz derramada? É um *Cometa!*

Que corpos, que movimentos, que phenomenos são estes?! A uma distancia incomprehensivel de nós elabora-se no silencio das noites a vida do universo! *Deus! Deus! Como os teus céus são maravilhosos! Como é sublime a tua obra!... E o homem?! O grão de areia é mais pequeno, mas tem mais duração!*

Muito ha já que é noite.

Attentai bem: agora, em quanto que o poente se obscurece de um modo apenas sensivel pelo fulgor mais vivo de suas estrellas, assoma no oriente amoroso albor. Os astros d'esta parte do céu desmaiam á medida que a luz, debil ao nascer, ganha intensidade. A aurora lavra progressivamente pelo éther, afugenta as trevas, e vai pouco a pouco apagando todas as estrellas, como se a indignára que outra chamma nos allumiasse. Dilata-se pelas solidões do espaço tranquillo e suavissimo clarão. *É o crepusculo da manhã!*

Seus véus candidos, diaphanos, e humidos borrifam a terra, que, meneando a verde coma, exhala mil perfumes, qual a virgem louçan, que o doirado orvalho surprehendeu, sacode, rindo, os longos cabellos que embalsamam o ambiente.

As flores gotejam ainda lagrimas de saudade por quem lhes desperta o aroma e accende a formosura.

A ave nocturna, que corre a embrenhar-se onde não penetre a claridade, lá se distingue ainda ao longe batendo a aza escura, e ouve-se-lhe o guincho de despeito: mas os passarinhos alegres, esses retouçam nos ares, enchendo-os de cantos caprichosos; e o rouxinol, entre amena folhagem, ensaia uma canção terna de amor.

Mas lá se vai tingindo o oriente das mais ricas côres do universo! Cingem-no gigantes fitas de purpura, oiro, e carmim. Nuvens roseas e de arminho se agglomeram n'um centro onde a

luz, já intensa, cresce de ponto. Começam de romper fulgurantes raios! Tépidas aragem substitue a viração fria das madrugadas. Tudo indica a apparição portentosa da causa d'este incendio, que esclarece o mundo de um modo tão assombroso e vivificador. A expectação da natureza é visivel!

E eis que, finalmente, surge sobre riquissimo throno aereo o rei dos astros, o creador de tudo o que vegeta, aquelle que anima tudo o que vive.... o sol!!..

Elle ahi destaca o seu globo de fogo, rasgando as nuvens que mal lhe impediam o immenso brilhantismo; e sobe magestosamente pelo espaço que transforma em oceano de luz!

Á tristeza, ao silencio, ao socego profundo da noite succede a alegria, o ruido, o movimento do dia. A natureza sorri. Tudo acorda, tudo se agita. Á paz do somno segue a inquietação da vida desperta. Que de illusões perdidas tambem! Que de projectos abandonados! Quanta amargura apoz a embriaguez dos prazeres!

Mas o sol, subindo sempre, chega ao seu *zenith*; e de lá, como a lua o houvera feito, desce para o poente. Os raios de calor que elle nos transmite, e que haviam augmentado ao subir, ao descer trazem pouca energia; e assim vai esta diminuindo, até que elle desaparece, afigurando-se-nos embeber-se nas aguas do mar!

Antes, porém, que a sua luz nos deixe, passa-se no poente uma scena, igual no genero e grandeza á da manhã no oriente: é o *crepusculo da tarde*. Este dura mais que o outro!

N'esta hora saudosa o homem pensador entristece docemente; a melancolia apossa-se da alma do poeta; a saudade do proscripto é mais pungente; todos os affectos do coração são mais profundos! Ao contemplar o adeus do dia, correm lagrimas silenciosas dos olhos dos que soffrem.... mas essas lagrimas consolam, ha delicias n'essa dôr!

Desamparou-nos, pois, o resplendente farol que nos acalentava, e provia de luz sem consentir que a nossa vista o fixasse! Porque razão no horisonte, estando mais longe de nós que no *zenith*, nos pareceu maior?!

A brisa das tardes agita suavemente a athmosfera, e traz-nos perfumes que nos enleiam em sensações docemente mysteriosas!

Volve a noite. Acham-se de novo as estrellas no céu; e repete-se tudo o que na antecedente tivera logar! Noites ha porém, nas quaes, com quanto o manto das nuvens nos não esconda esse spectaculo prodigioso do céu, a lua não apparece! Mas o painel é sempre esplendidissimo!

Senhores: a magnificencia d'estes quadros ninguem a poderá descrever. É o bello infinito, que á intelligencia finita não é dado imitar. Sente-se muito, admira-se, e adora-se; o pensamento eleva-se... mas a expressão balbucia, em balde se esforça o pincel: é pallida a imagem sempre.

Feliz aquelle que, ao contemplar tão incomprehensivel e innefavel grandeza, se extasia em deleitoso scismar; que, observando-a, pensa nas leis reguladoras de tão maravilhoso composto; que intende as causas de taes movimentos, e sabe meditar em assumpto tão sublime!

A sciencia que tal ensina, senhores, não póde deixar de ter o primeiro logar entre todas, pela immensidade e sublime nobreza do objecto.

Entre os genios da antiguidade foi tão venerada esta sciencia, que Anaxágoras, interrogado ácerca do fim para que tinha nascido, respondeu: *para contemplar os astros*. Pithagoras não recebia discipulo que não conhecesse a astronomia. Platão disse que os olhos foram dados ao homem por causa d'ella; e Ovidio de certo tinha a mesma idéa quando escreveu:

As outras creaturas debruçadas

Olhando a terra estão: porém ao homem

O Factor concedeo sublime rosto;

Erguido para o céu, lhe dêo, que olhasse.

Metham.—traduc. do sr. A. F. DE CASTILHO.

Menor acatamento lhe não professam os modernos; e estes com mais razão ainda, pois o estado actual da sciencia é muito luminoso comparativamente com o d'aquelles tempos.

Mas eu, senhores, não quero enfastiar-vos mais com citações inuteis. A astronomia é inquestionavelmente a primeira das sciencias.

E é d'ella, é da sciencia de que o proprio Deus fallou—como se vê em alguns logares do livro de Job—que eu me atrevo a fallar.

Sabeis já em que appoio a minha audacia. Entremos, pois, na materia.

(Continúa.)

L. DA COSTA PEREIRA.

CHRONICA

Faziamos todo o empenho n'um retrato para a galeria da *Revista Contemporanea*. Contavamos obtel-o, mas não tão depressa. Favoreceu-nos porém o acaso, e já está em nosso poder. Agora permitta-nos o leitor que lhe façamos a historia d'esta acquisição que é extremamente curiosa e muito significativa. Eil-a, singela e verdadeira:

N'um d'estes ultimos sabbados fomos visitar o Sr. Alexandre Herculano, ao seu retiro d'Ajuda. Poucos eram os amigos e discipulos que n'esse dia rodeavam o mestre. Escutando aquella voz authorisada para as letras e para a vida, as horas passaram, como sempre, rapidas. Ali é tão proveitosa a lição do homem dos livros como do homem particular. Com aquelle aprende-se a sciencia, com este aprendem-se os preceitos da honra. Pertence aos seculos passados pela inteireza do character, pertence ao seculo actual pela illustração e pelo saber. E ambas estas feições se revelam a cada momento no Sr. Alexandre Herculano, como brilhantemente se reveláram n'aquelle dia. Ouvimol-o, fulminar em energicas palavras a corrupção que por ahi lavra, fustigando asperamente aquelles que, para defender o crime doirado nem sequer permitem á probidade um brado de justa indignação. Ouvimol-o depois, discursar livremente sobre o curso de litteratura moderna, e extasiámo-nos diante de tantos conhecimentos, de tanta erudição, e de tanta eloquencia!

Nunca nos julgámos tão pequenos, mas em compensação vimos que ainda era grande o nosso paiz. Attestava-o Alexandre Herculano.

Mas a historia, dirá o leitor. Já lá vamos; mas ha nomes que não podem citar-se sem que o coração e o respeito se manifestem. Foi o que nos acon-

teceu. Alexandre Herculano é para nós um symbolo; e diante dos symbolos não se passa, sem prestar o devido culto. Mais esplendido podem prestar-lh'o, mas não mais intimo e sincero, do que o nosso.

Agora, a historia.

Quando acabou o jantar e fomos para o gabinete do mestre para tomar o café e fumar o nosso charuto, observamos que em cima da meza de trabalho estava um maço de manuscriptos e que a primeira pagina era de versos. O historiador percebeu a nossa curiosidade, e disse-nos:

«Quer saber o que contém esse maço? são as poesias ineditas de Soares de Passos. Mandou-m'as o irmão para eu rever. É pena que estejam quasi todas incompletas. Tambem me enviaram o retrato que tenho ali.»

«O retrato de Soares de Passos, exclamei eu. Deixa-m'o ver?»

«Com todo o gosto, e abrindo uma das gavetas da meza, apresentou-m'o, acrescentando: está muito parecido.»

«Ainda bem, continuei eu, e agora o mestre ha de fazer-me um grande favor.»

«Diga.»

«É emprestar-me este retrato para o mandar gravar para a *Revista Contemporanea*?»

«Está as suas ordens, recommendo-lhe só que tenha cuidado com o meu poeta e que m'o restitua depois.»

Aqui tem leitor a historia exacta do retrato de Soares de Passos, que dentro em breve ha de adornar a nossa galeria. Para attestar a valia d'aquelle talento, que infelizmente perdemos tão cedo, basta o apreço em que o tem o sr. Alexandre Herculano que lhe chama *o seu poeta*.

Se era grande a estima que Soares de Passos merecia ao mestre, profunda era a veneração que o mestre inspirava a Soares de Passos. Era tanta a veneração, era tão fundo o affecto na alma do poeta, que, sentindo aproximar-se a morte uma das maiores penas que dizia levar d'esta vida, resumia-se em não poder ver mais uma vez o sr. Alexandre Herculano.

O mestre advinhou o talento do discipulo, o discipulo comprehendeu o genio do mestre, e queria dizer-lh'o no ultimo adeus.

Passando agora ás novas litterarias pertencem ainda ao sr. Alexandre Herculano as primeiras linhas. Eugène Pelletan, o illustre auctor da *Profession de foi du XIX siècle*, escreveu ao insigne historiador, pedindo-lhe licença para traduzir a *Historia da Inquisição em Portugal*. O sr. Herculano agradeceu penhorado a distincção; mas consta que a versão do livro fôra prohibida em França. O mesmo aconteceu em Hespanha com o *Eurico* que o jornal *La America* tambem se empenhava em publicar. Quanto a este ultimo o que ha para estranhar é que se lembrem agora de prohibir a versão d'um livro que vai para quatorze annos percorre a Hespanha já traduzido. *La America*, protesta energicamente contra semelhante resolução. A nosso ver este procedimento só prejudica os governos que o auctorisam. A idéa que tiveram ambos os escriptores estrangeiros honra-os da mesma fórma; assim como honra o nosso paiz, honrando o sr. Alexandre Herculano.

Sendo, como é, grande a gloria que nos cabe n'estes acontecimentos litterarios, folgamos de poder mencionar mais outro. Realisa-o a traducção do

Ave Cesar, do nosso eminente poeta Mendes Leal, publicada no *Mundo Illustrato*, de Turim.

Maravilha-nos vêr que lá fóra consideram e apreciam devidamente as nossas primeiras illustrações, legitimando-lhes assim nas mais espontaneas e insuspeitas provas de apreço, o seu elevado merito. Ao menos façam-n'os os outros acreditar que valemos alguma coisa, já que entre nós ha a mania de nos convencêr do contrario.

D'esta vez ha apenas a registrar a apparição d'um livro. Firma-o um nome que se estrêa na carreira das letras, mas que manifesta lisongeira e esperançosa vocação. O livro intitula-se *A Vida d'um Principe*, e o auctor é o sr. Eduardo Coelho. As dimensões do quadro são acanhadas para a época que o romancista escolheu, e onde figuram, como principaes personagens, D. João II, D. Affonso e a Excellente Senhora. Ainda assim tem verdadeiro merito este esboço pelo esmero da phrase, que denuncia leitura aturada dos classicos e inquestionavel aproveitamento.

Prosiga o sr. Eduardo Coelho consultando com igual applicação os bons modelos que dentro em pouco ha de produzir fructos mais sasonados, conquistando d'este modo um logar distincto na litteratura. Tem talento, sobralhe boa vontade, o tempo e o estudo farão o resto.

Novidades artisticas escacêam n'esta chronica. D'uma só temos conhecimento. É um quadro do sr. Pedroso, representando a corveta *Bartholomeu Dias* n'um temporal. Pertence o quadro a S. A. o Sr. Infante D. Luiz. O trabalho corresponde á reputação que n'este genero tem sabido grangear o distincto pintor de marinhas. Da verdade e exactidão do seu pincel podem já os nossos assignantes fazer uma idéa pela delicada gravura das corvetas *Bartholomeu Dias* e *Sagres* que o mesmo artista deu no nosso jornal.

A estampa que hoje illustra a *Revista Contemporanea*, é gravada pelo sr. Annuniação. Figura tres rapazes jogando as cinco pedrinhas, jogo classico do gaiato lisbonense. O grupo está bem disposto e as attitudes são naturaes. Para o completar falta-lhe o colorido vigoroso que realça a palheta do distincto artista, colorido que se ostenta brilhante no quadro d'onde foi copiado.

ERNESTO BIESTER.